CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: ALEXANDRE RIBEIRO
ÁREA: DESIGN GRÁFICO/ DIAGRAMAÇÃO

Diagramação como mensagem

O poder comunicacional do projeto gráfico de veículos impressos na cobertura das Olimpíadas de Pequim 2008

Romannessa Sanches
2051281/2

Brasília, Outubro de 2008

Romannessa Sanches

Diagramação como mensagem

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, orientado pelo prof. Alexandre Ribeiro.

Brasília, Outubro de 2008

Romannessa Sanches

Diagramação como mensagem

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, orientado pelo prof. Alexandre Ribeiro.

Banca Examinadora

_____
Prof. Alexandre Ribeiro
Orientador

_____
Prof. André Ramos
Examinador

_____
Prof. Bruno Nalon
Examinador

Brasília, Outubro de 2008

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela vida e por todas as oportunidades que sempre tive. A meus pais, Romualdo e Carmen, pela vida, apoio e ensinamentos preciosos. À minha irmã, Rorrélia, por todo amor, apoio, incentivo e exemplo. Aos demais irmãos e aos sobrinhos, muito obrigada por tudo. Vocês são muito importantes para mim. Amo vocês!

Aos meus amigos e colegas de todos os tempos, muito obrigada pelas palavras de incentivo de vocês. Depois de tanta correria é hora de comemorarmos. Obrigada pela amizade nesse momento tão importante. Vocês todos são especiais!

Obrigada, também, aos professores, os bons e os ruins, todos me ensinaram algo. Especial agradecimento ao meu orientador, Alexandre Ribeiro, pela orientação, paciência com as dúvidas e o ânimo com meu trabalho. Muito obrigada a todos vocês!

Designers podem fazer uma grande diferença, não apenas porque eles fazem as coisas mais aparentes - isso também ajuda-, mas mais importante porque eles são, ou deveriam ser, especializados em colocar a imaginação em prática e estruturar mensagens para serem entendidas por uma enorme audiência.

Max Bruinsma

RESUMO

Este trabalho resulta de pesquisa bibliográfica e análise das edições dos cadernos sobre as Olimpíadas de 2008 dos jornais *Correio Braziliense*, *Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*, dos dias dez, dezessete, vinte e quatro e vinte e cinco de agosto de 2008 que questiona o papel da diagramação na transmissão da informação dentro do jornalismo impresso. O início se dá com uma breve introdução aos elementos da diagramação. Em seguida, é realizado um recorte sobre a aplicação da diagramação nos diferentes meios de comunicação impressa. O presente trabalho é embasado pelo modelo teórico do Meio como mensagem e apresenta uma relação entre a diagramação e este modelo. Por último, é apresentada a análise e discussão dos jornais analisados, a fim de verificar a aplicação dos elementos gráficos nos cadernos dedicados às Olimpíadas de 2008.

Palavras-chave: Jornalismo impresso, diagramação, design gráfico, Jogos Olímpicos de Pequim, Marshall McLuhan.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....8
2 ELEMENTOS DA DIAGRAMAÇÃO.....11
2.1 Tipografia.....12
2.2 Cor.....15
2.3 Imagem.....18
2.3.1 Fotografia.....18
2.3.2 Ilustração.....19
2.4 Infografia.....21
3 A DIAGRAMAÇÃO E OS VEÍCULOS IMPRESSOS.....23
3.1 A diagramação em revista.....23
3.2 A diagramação em jornais.....24
3.3 A influência das mídias eletrônicas.....26
4 DIAGRAMAÇÃO E O MODELO TEÓRICO DO MEIO COMO MENSAGEM.....27
4.1 O modelo teórico de Marshall McLuhan.....27
4.2 A diagramação como mensagem.....29
5 ANÁLISE DOS CADERNOS ESPECIAIS DAS OLIMPÍADAS.....31
5.1 Análise.....31
5.1.1 Análise do jornal Correio Braziliense.....31
5.1.2 Análise do jornal O Estado de S. Paulo.....36
5.1.3 Análise do jornal Folha de S. Paulo.....41
5.1.4 Análise do Jornal do Brasil.....45
5.2 Discussão.....48
6 CONCLUSÃO.....51
REFERÊNCIAS.....53
ANEXOS.....55

1 INTRODUÇÃO

Contextualização

A diagramação é a área do design gráfico que busca o equilíbrio, a perfeita harmonia entre conteúdo e forma de materiais impressos. Apesar dos ares de arte nova, invenção da modernidade, benesse da tecnologia, a diagramação tem raízes nos primórdios do intelecto humano.

O diagramador é um profissional geralmente graduado em design gráfico, comunicação visual, publicidade, e mais raramente, jornalismo, apesar de não haver exigência de formação para esta carreira. Cabe ao diagramador dar coerência aos elementos dispersos na página, para que esta resulte em uma forma de comunicação imediata. Isso é feito através de um projeto gráfico, que cria uma identidade visual para a publicação trabalhada.

No jornalismo, a função do diagramador é muitas vezes vista com menor importância que a de outros profissionais da redação, como por exemplo, um repórter, que vai às ruas em busca da notícia. Contudo, esquecem-se os jornalistas que mesmo a melhor reportagem pode ser ignorada pelo leitor se não for corretamente posicionada, ilustrada e mesmo escrita com os caracteres adequados dentro do espaço oferecido pelo veículo em que atua.

Justificativa

Segundo o modelo teórico do canadense Marshall McLuhan (1967) o meio, que normalmente é visto como simples canal de passagem do conteúdo comunicativo, é um elemento determinante da comunicação. Para ele o meio pelo qual a comunicação se estabelece, não é apenas uma forma de comunicação, mas determina o próprio conteúdo da comunicação. Ele defende que somos o que percebemos e que nossa percepção muda conforme mudam os nossos modos de usar os sentidos.

Para McLuhan (1967) nossos sentimentos têm um relacionamento natural com as tecnologias pelas quais estendemos nossa ação, a começar pela linguagem. Primeiro pela palavra no seu uso oral, porque desta forma mantém-se o uso da audição, do tato e da visão. Depois com o alfabeto fonético, onde são usadas a

visão e a audição. Com a imprensa, o alfabeto faz-se silencioso, nela a visão torna-se quase suprema, o homem torna-se então visual, linear, unidimensional. Por fim, com a comunicação eletrônica se reporá o mundo oral, auditivo, imagético, tátil e visual.

Objetivos

Dessa forma, o problema a ser pesquisado consiste na seguinte pergunta: Qual o papel das artes gráficas na transmissão de informação em veículos impressos; apenas estético ou também comunicacional? A diagramação poderia ser interpretada como uma mensagem em si? Estudar essa relação é o que dá razão de ser a este trabalho.

Esta monografia visa estudar, a partir do modelo teórico do Meio como Mensagem, proposto por Marshall McLuhan (1967), a relação existente entre as artes gráficas, a notícia e a recepção pelo leitor. A investigação será baseada no modelo teórico proposto por Marshall McLuhan, e na análise dos cadernos especiais dominicais sobre os jogos olímpicos de Beijing 2008.

Os objetivos específicos desta monografia são investigar o papel das artes gráficas na absorção do conteúdo; e a influência das mídias eletrônicas na diagramação atual.

Metodologia

Para realização deste trabalho se recorrerá à pesquisa bibliográfica sobre os assuntos: diagramação, design gráfico, discurso gráfico, comunicação visual, arquitetura da informação, e o modelo teórico do Meio como Mensagem de Marshall McLuhan; e o análise discursiva dos cadernos especiais sobre as Olimpíadas de Beijing 2008 dos jornais Correio Braziliense, Folha de São Paulo, Estado de S. Paulo e Jornal do Brasil, que também ilustrarão o trabalho.

Estrutura

O primeiro capítulo traz um panorama dos quatro elementos da diagramação que foram analisados nos jornais escolhidos, tipografia, cor, imagem e infografia.

O segundo capítulo fala sobre a importância da diagramação nos diferentes veículos impressos, revistas e jornais; e traz também um tópico sobre a influência das mídias eletrônicas, especialmente TV e Internet, sobre a diagramação nos últimos anos.

No terceiro capítulo há um paralelo entre a diagramação e o modelo teórico do Meio como Mensagem, modelo teórico escolhido para embasar este trabalho.

Por fim, o quarto capítulo fala sobre a análise dos cadernos especiais sobre as Olimpíadas 2008 dos jornais Correio Braziliense, Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e Jornal do Brasil, dos dias 10, 17, 24 e 25 de agosto de 2008.

2. ELEMENTOS DA DIAGRAMAÇÃO

A preocupação com a comunicação visual, com a apresentação de uma imagem agradável, é uma realidade em todas as áreas do conhecimento na sociedade pós-moderna, e isso se deve em grande parte à disseminação dos recursos tecnológicos e ao mercado cada vez mais competitivo.

Transmitir uma informação de forma rápida e clara também é uma exigência. Em uma sociedade cujo tempo é acelerado pela eficiência imposta pela tecnologia, é compreensível que o público busque poder parar durante poucos minutos e estar a par de tudo o que ocorre no mundo. A hierarquização da informação tornou-se possível a partir da funcionalidade gráfica, que trouxe ordem a diagramação dos textos.

Rafael Souza Silva (1985) afirma que:

> [...] o leitor de hoje habituou-se a ver o jornal plasticamente bonito onde a funcionalidade da apresentação e a racionalidade da leitura são elementos indispensáveis no sucesso da publicação. O desenho industrial tornou a funcionalidade uma questão de estética. (SILVA, 1985, p.25)

O uso de ilustrações, charges e mais recentemente infográficos tem se tornado cada vez mais comum em jornais e revistas. Essas técnicas complementam a informação contida no texto escrito, e em alguns casos, como na infografia e na charge, elas podem ser a própria informação. Mesmo assim, as artes gráficas ainda são vistas com menor importância por jornalistas e estudantes de jornalismo.

Nas redações de veículos impressos e nas escolas de comunicação, mais especificamente nos cursos de jornalismo, o valor atribuído a diagramação é suprimido pelo valor do texto pelo texto, a obtenção da informação e a forma como esta é redigida são mais importantes que sua apresentação aos leitores, não há a preocupação de como esse texto será exibido ao público.

Para dar ao texto a disposição ideal para chamar a atenção do leitor, o diagramador trabalha com vários elementos, dentre eles, a tipografia, as imagens, as cores e a infografia. Porém, se a diagramação não evocar nada a ninguém, o seu potencial comunicativo será baixo.

2.1 Tipografia

Desde que a escrita foi inventada o homem procura formas de registrar seus feitos e textos de forma perpétua. Ao longo dos séculos, diversas formas de representação do alfabeto foram criadas, formas influenciadas pela cultura de diferentes povos, dessas criações surgiram uma gama de tipos com uma infinidade de categorias. Por exemplo, o alfabeto latino, usado no Ocidente tem sua origem na escrita médio-oriental, cujo valor é logográfico, baseado em formas do cotidiano. Da simplificação daquela escrita surgiu nosso alfabeto, de formas lineares e simplificadas.

Os escribas foram os primeiros profissionais a utilizarem o alfabeto escrito, eles registravam nos mais diferentes suportes, pedra, cera, pergaminho, papiro, os feitos, geralmente de nobres e ricos. Com o surgimento do papel e dos livros os escribas passaram a ser conhecidos como calígrafos, e eram responsáveis pela edição de livros, porém cada publicação era única, pois sua reprodutibilidade era praticamente impossível.

Para resolver o problema da reprodutibilidade, o chinês Pi Sheng inventou o tipo móvel. A data não é certa, mas estudiosos dizem que isso ocorreu entre 1040 e 1048. Diferente dos tipos móveis utilizados por Gutenberg 400 anos mais tarde, os de Pi Sheng eram feitos de barro cozido.

Em 1450 o alemão Johann Gutenberg inventou a impressora de tipos móveis, que foi uma revolução no que diz respeito à velocidade da cópia de textos, sua invenção incorporou a praticidade do tipo móvel de Pi Sheng com a tradição da letra caligráfica. No início, o estudo dos tipos, era voltado exclusivamente para a aplicação aos livros; mais tarde, foi peça fundamental no aperfeiçoamento dos primeiros periódicos; hoje, seu uso se estende de panfletos de festas a outdoors, jornais, revistas, livros, sites e logomarcas.

Em seu livro, *Elementos do estilo tipográfico*, o tipógrafo e designer Robert Bringhurst (1992) considera a tipografia um dos principais elementos da página impressa, para comunicar de forma satisfatória, ela precisa seguir o princípio da legibilidade. Segundo o princípio da legibilidade o texto deve ser um intermediário neutro da mensagem, ele precisa ser legível ao ponto do reconhecimento de letras e palavras acontecer num nível subconsciente, para que o conteúdo ocupe o primeiro plano de compreensão.

Investir na tipografia da página gráfica não pode significar abrir mão da informação do jornalismo. Uma composição tipográfica deve ser legível e visualmente envolvente, sem desconsiderar o contexto e o conteúdo do que é lido e os objetivos da publicação. Para Bringhurst (1992), “A página tipográfica é um mapa da mente; é também com freqüência um mapa da ordem social da qual emerge.”.

Allen Hurlburt (1977) diz que:

> [...] palavras são comunicação. A elaboração da forma da página anda de mãos dadas com a escolha do tipo, e ambas são preocupações tipográficas permanentes. Faça com que a relação visual entre o texto e seus outros elementos seja um reflexo de sua real relação. (HURLBURT,1977,p.99)

A Associação Tipográfica Internacional explica que há uma distinção entre tipografia, que é a impressão dos tipos, e tipologia, que é o estudo da formação dos tipos. Mas normalmente, o termo tipografia é usado para se referir a ambos.

Segundo a Associação Tipográfica Internacional os tipos ou fontes são classificados em quatro grupos básicos, segundo as características que apresentam: com serifas, sem serifas, scripts, e display.

As fontes serifadas (figura 1) são recomendadas para blocos de texto, pois as serifas tendem a guiar o olhar através do texto, já que o ser humano lê palavras e não letras individuais, assim as letras serifadas parecem juntar-se devido aos seus prolongamentos, unindo as palavras.

Figura 1 – Formação de tipos com serifas e exemplos de tipos serifados

Fontes sem serifas (figura 2) são ideais para exibição de textos no monitor, pois transmitem sensação de limpeza, clareza e organização. As fontes sem serifa

costumam ser usadas em títulos e chamadas, pois valorizam cada palavra individualmente e tendem a ter maior peso e chamam mais a atenção.

Figura 2 – Formação de tipos sem serifas e exemplos de tipos não serifados

As fontes script (figura 3) são todas as que imitam a escrita humana. Essas fontes são comumente utilizadas em convites e certificados, pois sugerem classe, tradição, elegância, antiguidade, mas devem ser usadas com cautela em mídias interativas.

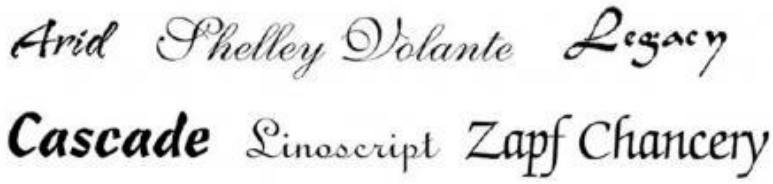


Figura 3 – Exemplos de tipos que imitam a escrita manuscrita

As fontes display (figura 4) são tipos comemorativos, enfeitados, que representam símbolos, são classificados como display. Algumas imitam bichos, objetos, pessoas, neve, desenhos animados, outras ainda remetem a idéia de festa, comemoração, quadrinhos, tecnologia, etc.

Figura 4 – Exemplos de tipos comemorativos

2.2 Cor

A cor é um elemento indissociável do nosso cotidiano, e exerce especial importância sobretudo nas Artes Visuais. Artistas, designers e arquitetos usam as cores para causar situações na percepção humana.

A cor sempre atraiu e causou no ser humano de todas as épocas, preferência por determinadas harmonias de acordo especialmente com fatores culturais, evolução do gosto e especialmente pelas influências e diretrizes que a arte marca.

Culturas distintas podem ter diferentes significados para determinadas cores. Por exemplo, a cor vermelha, é a cor do sangue e naturalmente provoca uma reação de atenção nos indivíduos, inconscientemente ou não foi utilizada no Império Romano, pelos nazistas e comunistas.

Modesto Farina (1990) explica que a cor como conhecemos não existe, é uma representação cerebral, ou seja, os objetos não têm cor; o que se vê é na verdade uma sensação provocada por estímulos físicos de natureza. A percepção da cor é muito importante para a compreensão de um ambiente. A cor não tem a ver apenas com os olhos e com a retina, mas também com a informação prévia presente no cérebro.

Segundo Israel Pedrosa (1977), quando se fala em cor, há que se distinguir entre cor-luz, obtida aditivamente, ou cor pigmento, obtida subtrativamente. No primeiro caso, chamado de sistema RGB, temos os objetos que emitem luz, monitores, televisão, sol, etc.; no segundo sistema, chamado CMYK, temos uma superfície branca, onde se adicionam as cores. Além dessa divisão, as cores também são classificadas em primárias, secundárias e complementares, mas são diferentes na cor luz e na cor pigmento.

A cor-luz recebe esta denominação porque são as cores que estão contidas na luz e por ela são refletidas. A luz é emitida em ondas de várias freqüências diferentes, cada freqüência corresponde a uma cor específica. No grupo das cores-luz as cores primárias são vermelho-alaranjado, verde e azul-violeta, a soma das três cores-luz primárias produz a luz branca. Por isso elas também são chamadas de cores primárias aditivas, ou síntese aditiva das cores (figura 5). Quando um feixe de luz branca atravessa um prisma, as freqüências são separadas e podemos ver todas as cores como em um arco-íris. Este princípio é utilizado na eletrônica, na física e na informática, e é o que possibilita a visualização das cores em televisores e monitores de computador.

Figura 5 – Síntese aditiva

As cores pigmento são as utilizadas em tintas, lápis-de-cor, canetas coloridas e outros materiais para tingir ou colorir. Os pigmentos são classificados em acromáticos e cromáticos. O branco, o preto e os cinzas, produzidos pela mistura do preto e do branco, são acromáticos porque não contêm cor, todos os outros pigmentos são cromáticos. Os pigmentos cromáticos são classificados em três categorias: primários, secundários e terciários. As cores primárias da cor pigmento são: magenta, amarelo e azul, a mistura dessas cores em igual quantidade resulta na cor preta. Por isso são chamadas de cores-pigmento primárias subtrativas ou síntese subtrativa das cores (figura 6). Nas artes gráficas e na fotografia usa-se o azul-ciano. O azul-ultramar ou azul-da-prússia é usado pelos artistas pintores que

trabalham com tinta a óleo, acrílica, guache, aquarela. As cores secundárias são obtidas através da combinação, em iguais proporções, das cores primárias. Normalmente esta mistura de cores é feita com as cores-pigmento. As cores terciárias são intermediárias entre uma cor secundária e uma das duas cores primárias que estão em sua composição.

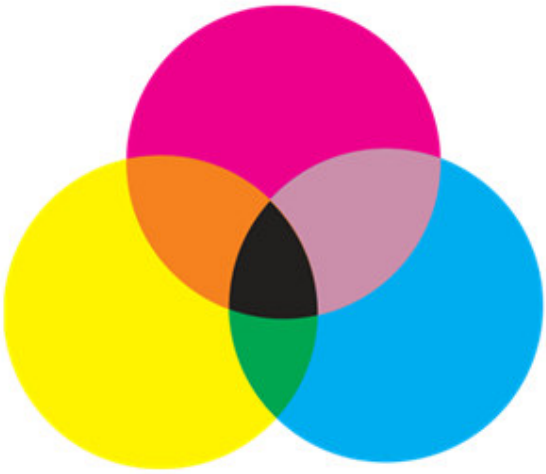


Figura 6 – Síntese subtrativa das cores

As cores complementares (figura 7) são usadas para dar força e equilíbrio a um trabalho criando contrastes, também são usadas em trabalhos com cores-pigmento. Uma cor primária é sempre complementada por uma cor secundária. Esta é a cor que está em oposição à posição desta cor primária no círculo cromático. Por exemplo, a cor complementar do vermelho é o verde, do azul é o laranja.

Figura 7 – Exemplos de cores complementares

As cores também podem ser classificadas em frias e quentes. As cores frias estão entre azuis, verdes, violetas. Cores frias não emitem euforia, trazem calma e

melancolia. Já as cores quentes estão situadas entre laranjas, vermelhos, magentas. Transmitem euforia e estimulam quem observa.

Contraste e harmonia são conceitos importantes para a visualidade de um projeto gráfico e eventualmente estabelecem o equilíbrio do design de acordo com o propósito do material. Israel Pedrosa (2003) explica que toda cor combina com qualquer outra, mas nem toda combinação é harmônica. Para trabalhar com harmonização das cores é comum que se utilize as cores-pigmento.

Certos pares tendem a formar acordes, acordes são cores que se ajustam umas às outras em duplas, esses acordes se harmonizam em consonantes e dissonantes. Os acordes consonantes se ajustam por semelhança; os dissonantes por contraste.

A harmonia consonante é formada por cores que foram feitas a partir de uma mesma cor, por exemplo, em todas as cores está presente o azul; a harmonia dissonante é formada por cores puras; pelo menos duas delas têm que ser dissonantes e as outras têm que harmonizá-las; e a harmonia assonante é formada por acordes múltiplos de cores semelhantes.

2.3 Imagem

2.3.1 Fotografia

No jornalismo, a função da imagem, através de fotos, ilustrações, desenhos e outros recursos gráficos, é explicar melhor a notícia, ajudando o leitor a entender e a interpretar o sentido dos fatos. Dentre os elementos relacionados à comunicação visual, a fotografia tem grande importância ao longo do processo do design da página. As técnicas fotográficas são muito importantes para o êxito da publicação.

Planejar um trabalho com fotos exige conhecimento do processo fotográfico e, principalmente, consciência do conteúdo da imagem em relação à diagramação pretendida. Ao utilizar mais de uma foto, o diagramador tem que avaliar como se relacionam seus valores e suas formas dentro do layout da página. Fotógrafo e diagramador devem trabalhar juntos, pois um fotógrafo hábil é um comunicador visual especializado.

Segundo Allen Hurlburt (1977), a escolha da fotografia a ser colocada numa página segue dois caminhos: a foto pode ser tirada com indicações específicas,

pensada especialmente para se adaptar, ilustrar a diagramação pretendida; ou a foto é escolhida no arquivo, e a diagramação utilizará os valores já contidos no material selecionado.

Para Hurlburt (1977), as imagens que chamam nossa atenção quando olhamos ao acaso em uma série de fotos são as que provavelmente atrairão a atenção do leitor, porém é necessário que se questione se essas imagens têm relevância na comunicação, relação com a diagramação como um todo e se têm credibilidade. O diagramador não deve enganar o leitor, mas deve estar atento às suas reações.

O diagramador precisa ser um crítico, um juiz das imagens que irá utilizar, ele deve julgar o poder de comunicação da imagem, sua uniformidade com a página, e sua qualidade para impressão.

2.3.2 Ilustração

No início do século XX, quando o design moderno ainda dava os primeiros passos, as ilustrações eram umas das principais forças do design da página. O uso editorial da ilustração tem origem nas iluminuras, utilizadas nos manuscritos da Idade Média e sua história está intimamente ligada à literatura e à gravura. No final do século XIX e início do XX, a ilustração começou a ser usada para fins "jornalísticos", revistas estadunidenses como a *The New Yorker* eram cheias de ficção ilustrada.

A ilustração é uma imagem pictória, geralmente um desenho, utilizado para acompanhar, explicar, acrescentar ou sintetizar uma informação, ou simplesmente decorar um texto. Embora o termo seja usado freqüentemente para se referir a desenhos, pinturas ou colagens, uma fotografia, um infográfico também são ilustração.

Quando começou a ser usada em periódicos a ilustração era feita por ilustradores propriamente ditos, desenhistas e pintores. No Brasil a ilustração começa a ser usada por periódicos no jornal/revista *Semana Ilustrada*, que circulou por 16 anos, entre 1860 e 1876. A publicação dava ênfase a caricatura e a ilustrações humorísticas, que mais tarde viriam a ser conhecidas como charges. Mas a publicação brasileira mais bem sucedida no uso da ilustração foi a revista *O Cruzeiro*, criada por Assis Chateaubriand em 1928.

Um tipo de ilustração que começou nos jornais e acabou ganhando publicações próprias é o cartoonismo. Surgido nos Estados Unidos do início do século XX, o cartoon era formado por tiras de três a quatro quadros com desenhos e balões de fala que contavam pequenas estórias e ocupavam eventuais espaços vagos de uma publicação.

Com o passar dos anos e o sucesso, os cartoons começaram a ser produzidos com muitos quadros contando estórias mais longas, com ou sem o uso de balões, e tendo publicações próprias. No anos 50, os HQ, ou Histórias em Quadrinhos, de super-heróis tornaram-se um fenômeno editorial nos Estados Unidos e no mundo. No Brasil, nos anos 60, Maurício de Souza cria a *Turma da Mônica*, um grande sucesso editorial até os dias de hoje.

Mesmo com a existência dos HQ, ainda hoje jornais de todo mundo trazem tirinhas, os quadrinhos, ou cartoons de poucos quadros, em seus cadernos de cultura e lazer.

Outra forma de ilustração que está se tornando cada dia mais importante é a ilustração gráfica. Com a chegada da computação gráfica nos anos 90, os ilustradores vêm mudando sua forma de trabalho com a utilização de softwares de manipulação fotográfica, dispositivos de digitalização de imagens, o uso de imagens vetoriais e em três dimensões, têm se tornado comum na diagramação.

Dario Pimentel Falleiros (2003) alerta para o fato de que a ilustração gráfica requer um grau de conhecimentos gerais, um senso desenvolvido de lógica para os problemas de análise e o altíssimo sentido de organização visual. Compreender a complexidade de estatística e tabelas, e a comunicação de todo esse material de uma forma gráfica clara e articulada, é um novo campo dentro da diagramação.

2.4 Infografia

Uma forma que vem sendo muito usada desde os anos 80 para transmitir a notícia é a infografia. Por meio dela é possível resumir em poucas palavras e imagens, sejam elas fotografias ou ilustrações, as principais informações de uma matéria.

Infográficos são dispositivos de informação criados em computador que integram o texto a elementos visuais diversos para transmitir a informação. Geralmente, um infográfico é formado por título; um pequeno parágrafo introdutório;

o corpo, que integra imagens, gráficos, tabelas, organogramas a legendas formando o conteúdo principal; e a fonte da informação.

Segundo Jorge Pedro de Sousa (2001), autor de *Elementos do Jornalismo Impresso,* os infográficos podem ser classificados em: *tipificados*, que englobam gráficos, mapas e desenhos figurativos do interior de locais ou objetos; e *compostos ou mistos*, que trazem vários elementos de uma só vez.

Sidnei Basile (2002), autor de *Elementos do Jornalismo Econômico*, conta que os primeiros usos de infográficos dentro do jornalismo foram nas editorias de economia dos jornais, onde eram usados gráficos para ilustrar dados e estatísticas.

A partir do surgimento das mídias eletrônicas e de novos recursos de diagramação, os infográficos tornaram-se mais elaborados, influenciados pela televisão e principalmente pela internet, e migraram das editorias econômicas para os demais cadernos dos jornais.

Segundo Gonzalo Peltzer (1992), autor do livro *Jornalismo Iconográfico*, a infografia é uma linguagem que pode ser usada no jornalismo por suas formas de transmissão edição, difusão e armazenamento, o que a torna um elemento extremamente informativo. Em palestra na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Flávio Diegues, editor da revista *Superinteressante*, disse que “o infográfico é um quebra-cabeças, não como um enigma a ser decifrado, mas algo que se monta para traduzir um mistério".

O infográfico permite aproveitar melhor o espaço do impresso simplificando a informação. Mas o infográfico por si só não se basta. Para funcionar, depende de um texto coeso, objetivo, claro, limpo, subdividido em itens, com linguagem direta, e informações puras. Sua função não é interpretativa. Complementa o texto. Em alguns casos consegue substituir o próprio texto diante do poder de comunicação da mensagem não-verbal.

Em seu livro *Elementos do Jornalismo Impresso*, Jorge Pedro Sousa (2001), traz uma pesquisa realizada por editores estadunidenses em 1991 que revelou que os elementos mais processados pelos leitores são os títulos, com 50%; notícias curtas, com no máximo dois parágrafos, são lidos por 60% do público, porém menos de 12,5% dos textos de jornais são lidos com profundidade. Já no que diz respeito à parte gráfica, cerca de 70% dos infográficos são processados pelos leitores.

Mas Dario Falleiros (2003) chama atenção para a possibilidade de ao tentar simplificar a informação se adulterar o conteúdo real. Por exemplo, se para dizer que

o setor de serviços tem crescido se substitui um gráfico de barras por desenhos de pessoas em diferentes tamanhos, corre-se o risco de mudar o sentido da proporção.

3 A DIAGRAMAÇÃO E OS VEÍCULOS IMPRESSOS

3.1 A diagramação em revista

As revistas levam grande vantagem sobre os jornais do ponto de vista de criação gráfica por terem tamanho menor e mais tempo para serem diagramadas, o que permite que o diagramador possa usar mais recursos visuais, criando uma diagramação mais elaborada.

Em revista o diagramador é chamado de diretor de arte, mas segundo o designer e editor Jan White - citado por Marília Scalzo (2003) em seu livro *Jornalismo de Revista* - design de revista não é arte. Marília Scalzo (2003) define a diagramação de revista como comunicação, informação, o recurso usado para tornar as reportagens mais atrativas. Para obter um resultado plasticamente interessante, o diagramador deve trabalhar em equipe com o jornalista responsável pela matéria, assim é possível que haja um equilíbrio entre o textual e a imagem.

Um jornal impresso pode utilizar um mesmo projeto gráfico por anos, às vezes décadas sem que haja uma única alteração. Isso ocorre principalmente devido a periodicidade desse tipo de publicação. Criar uma diagramação diferente para cada matéria todos os dias causaria atrasos na publicação da edição. Já com a revista, por haver mais tempo entre uma edição e outra, há a possibilidade tanto de uma diagramação individual das reportagens, como da modificação do projeto gráfico da revista em si. Não que a cada edição se crie uma nova identidade visual para a publicação, mas principalmente em revistas segmentadas, por se tratar um mesmo assunto, a periodicidade do projeto gráfico tem uma validade menor que a do jornal diário.

Segundo Marília Scalzo (2003), os elementos gráficos mais modificados são os tipos, fios, espaços em branco e as cores, que comumente seguem as tendências gráficas do momento. Essas tendências muitas vezes têm influência da televisão, cinema, e principalmente da internet, e isso faz com que o diagramador redobre sua atenção para não criar uma versão impressa da televisão ou da internet.

Capa e fotografia são outros dois elementos extremamente importantes para uma revista. A capa é o primeiro contato do leitor com a edição. Uma capa pouco atraente, com muitas fotos e elementos gráficos ou com incoerência entre a chamada principal e a imagem de capa a revista pode acabar afastando o leitor.

Pelo tipo de suporte da revista, a fotografia é um elemento muito explorado, além de ser um dos primeiros elementos com que o leitor tem contato em uma revista. As revistas semanais são as que mais utilizam o fotojornalismo.

Marília Scalzo (2003,p.70), diz que "fotos provocam reações emocionais, convidam a mergulhar num assunto, a entrar numa matéria. Por isso ter fotos boas em mãos é fundamental". Para provar essa teoria o grupo Abril fez uma pesquisa com leitores da revista *Veja*. Para o experimento utilizaram duas versões de uma mesma matéria de uma coluna, a primeira sem fotografia, a segunda ilustrada com uma fotografia. Os resultados mostraram que apenas 9% dos leitores se interessaram em ler a coluna sem fotografia, contra 15% dos que preferiram a matéria ilustrada. Porém não basta ter boas fotos se estas não estiverem bem posicionadas na página, geralmente os pontos de destaque são os cantos superiores ou o centro das páginas.

É comum em revistas segmentadas, como masculinas ou de decoração, o uso de fotos produzidas. Marília Scalzo (2003) explica que há dois tipos de fotos produzidas, as que servem de ilustração, e são produzidas como as da publicidade, com todo um processo de produção, iluminação, maquiagem e etc., uma foto tipo modelo; e as do tipo reportagem visual, que narram uma história a partir de uma pauta pré-definida.

Por fim, Marília Scalzo (2003,p.69) coloca que "São os valores e interesses do leitor que acabam por determinar a linguagem gráfica que será usada em uma publicação, por isso o projeto gráfico deve estar inserido no projeto editorial do veículo".

3.2 A diagramação em jornais

Os primeiros jornais, surgidos no século XVI, em nada lembravam os jornais que temos hoje. Canga Larequi (1994), autor de *El Diseño Periodístico en Prensa Diaria*, explica como eram essas publicações:

> Os primeiros "jornais" eram apresentados com o formato dos livros, embora geralmente apenas possuíssem quatro páginas; na primeira página das publicações periódicas usualmente surgiam apenas o título, a data e o nome do impressor, tal e qual como nos livros; frequentemente, a segunda página ficava em branco, começando o texto na terceira, sob um título genérico e com uma letra capitular.Geralmente o texto era composto a um

> só tipo de caracteres, a toda a largura da página ou, eventualmente, a duas colunas; não se fazia qualquer distinção gráfica entre as diferentes peças. (LAREQUI,1994,p.56)

Somente dois séculos depois surgiram os primeiros diários, que começaram a se aproximar dos modelos de jornais que temos hoje. Canga Larequi (1994), destaca que os principais fatores dessa mudança foram, o aumento do tamanho dos jornais, o aumento do número de colunas, devido ao aumento do tamanho das publicações, e a diminuição do corpo das letras.

Jorge Pedro Sousa (2001) ressalta que o diagramador de jornal deve procurar a hierarquização das matérias por ordem de importância, buscar a legibilidade, e a incorporação equilibrada dos anúncios. Para isso se utiliza dos seguintes elementos: título; texto; cor; fio; colunas; espaçamento; e imagens, sejam elas fotografias, ilustrações, infográficos ou charges; e boxes.

Ao comparar jornais e revistas Marília Scalzo (2003) explica que os elementos que podem ser mais bem trabalhados em jornal são os tipos, fios, colunas e o espaçamento. O uso da cor e de imagens, apesar de muito utilizadas atualmente, em geral não é tão bem sucedido devido ao suporte utilizado, o papel jornal por absorver maior quantidade de tinta que o papel usado em revistas não proporciona um efeito visual tão interessante.

É necessário que o princípio da unidade seja mantido ao longo da publicação, criando uma identidade visual, que diferencia um jornal dos demais. Jornais impressos requerem pouca variedade de tipos. No caso de publicações ou suplementos especiais, o editor terá mais liberdade para empregar fontes diferentes, proporcionando diferentes efeitos sem causar prejuízo à identidade do veículo.

Cadernos de culinária, cultura, turismo, entre outros, são os que apresentam maior flexibilidade de diagramação, porém, mesmo nessas páginas, é imprescindível a existência de elementos que caracterizem a publicação na qual estão inseridos, servindo de referência ao leitor.

3.3 A influência das mídias eletrônicas

Sempre que uma nova mídia surge, é comum que surjam também idéias de que os demais meios sucumbirão frente a ela. Assim foi com a televisão em relação ao rádio e ao cinema, e com a internet e os veículos impressos.

Hoje, mais de uma década após a difusão massiva da internet, os veículos impressos e suas versões *online* tornaram-se complementares entre si. A tendência da mídia digital, desde os anos 90, era a reprodução da especialização dos meios impressos nos eletrônicos. As versões *online* eram uma cópia computadorizada do jornal impresso.

A nova linguagem exige um novo profissional polivalente, que domine ao mesmo tempo o texto, o audiovisual, a edição e a diagramação. Com a evolução da internet, dos computadores, dos programas de diagramação e edição de imagens, e principalmente, com a adaptação e renovação dos profissionais, os jornais *online* ganharam identidade visual própria.

Os jornais essencialmente digitais desenvolveram características próprias utilizando todo o potencial do novo meio. Neles é possível publicar matérias escritas, foto-reportagens inteiras, vídeos e áudios de diversos assuntos ou de um mesmo assunto para que o leitor escolha através de quais deles prefere se informar, além de em muitos jornais existir a possibilidade de o leitor comentar a notícia quase que em tempo real.

A maioria dos jornais impressos conservou sua formatação original em mosaico, com diversos segmentos que abrigam a pluralidade de assuntos, temas, e enfoques que refletem a fragmentação da sociedade, e passam a idéia de que o todo possa ser apreendido, mesmo que nem sempre seja possível ler todo o conteúdo de um jornal.

Mas há impressos, jornais e revistas, que, ou estendem a diagramação de sua versão *online*, ou usam em excesso elementos mais indicados para mídias eletrônicas. Segundo Marília Scalzo (2003), autora de *Jornalismo de Revista*, não adianta querer imitar os formatos da televisão, e das outras mídias eletrônicas:

> [...] o segredo é ser o que se realmente é [...] É preciso respeitar a vocação essencial década meio. Por mais que se tente, às vezes não adianta querer reproduzir os recursos da internet ou da tevê em papel, assim como não adianta querer fazer uma revista, no sentido tradicional do termo, no vídeo ou na tela do computador. (SCALZO, 2003,p.38)

4 DIAGRAMAÇÃO E O MODELO TEÓRICO DO MEIO COMO MENSAGEM

4.1 O modelo teórico de Marshall McLuhan

Em 1962, o professor de literatura inglesa da Universidade de Toronto, Marshall McLuhan, publicou o livro *A galáxia de Gutenberg*, onde discutiu as mudanças operadas pelos meios de comunicação de sua época sobre a sociedade, especialmente o tipo. Suas observações partem do fato de que "somos o que percebemos e nossa percepção muda e varia conforme mudam e variam os nossos modos de usar os sentidos". (McLuhan, 1967,p.32).

Quando o homem inventou a escrita introduziu um fator restritivo no seu modo de ser, já que até então, a disseminação das idéias era feita oralmente e a vida se desenrolava através da percepção sensorial. Mas apenas uma fração da história da alfabetização foi tipográfica. A escrita só conseguiu quebrar o poder da oralidade, quando no fim da Idade Média, foram introduzidas as técnicas de uniformização e reprodução.

O aumento da quantidade informação favoreceu a organização visual do saber e do surgimento da perspectiva e da tipografia. A invenção da tipografia confirmou a ênfase no visual, e tornou a comunicação ainda mais restritiva e unidimensional, tornando os livros praticamente o único meio pelo qual o saber era adquirido ou armazenado. A tipografia transformou a linguagem, de um meio de percepção e exploração em um utensílio portátil, em conseqüência, "como qualquer produto, modelou não apenas relações sensíveis e particulares, mas também os padrões de interdependência comunal" (McLuhan, 1962,p.57).

O processo tecnológico tipográfico era visual, linear e fragmentado, formando seqüências, uma letra após a outra, uma palavra após a outra, um período após o outro. Para McLuhan (1962), foram essas características que estabeleceram a primeira linha-de-montagem, e a primeira produção em massa. O tempo do homem tipográfico tornou-se seriado e pictórico.

Em seu livro *Os meios de comunicação como extensões do homem* (1967), McLuhan defende que nossos sentimentos têm seu relacionamento natural e harmonioso com as tecnologias que estendem nossos sentidos, a palavra escrita é uma extensão de nossos olhos, o vestuário de nossa pele, o rádio de nossos ouvidos e assim por diante. É a partir das alterações que causamos em nossas

relações com os meios de comunicação que começamos a nos distanciar de nossa natureza instintiva e biológica, e a construir uma natureza social.

Mas, ao mesmo tempo em que os meios estendem nossas capacidades, eles deformam nossos sentidos. McLuhan diz:

> A palavra, no seu uso puramente oral, é a que menos o deforma, porque ainda mantém o uso da audição, do tato e da vista em relativa regularidade posicional. Mas depois, com o alfabeto fonético, ficam a vista e o ouvido. Com a imprensa, porém, o alfabeto faz-se silencioso, ficamos com a vista em exaltação quase suprema e, então, as deformações que se operam criam o absurdo homem moderno, visual, linear, uniforme, mecânico, unidimensional, esquizofrênico, em estado de angústia permanente. Agora, a comunicação eletrônica irá nos repor no mundo oral, no mundo auditivo, no mundo da imagem, no mundo do tato [...] (MCLUHAN, 1967,p.83)

A comunicação envolve a tecnologia da linguagem. Originalmente essa tecnologia era a da fala, a linguagem era a palavra oral. Toda cultura era baseada em relatos orais passados de geração a geração Com o alfabeto fonético a cultura torna-se escrita, com a chegada da imprensa a cultura fez-se cultura da palavra impressa. A cultura escrita teve sua forma de expressão na literatura.

Toda a estrutura da sociedade e o modo de pensar e sentir se alteraram com a introdução da escrita. McLuhan (1967) tenta explicar a relação da sociedade com o meio através de uma comparação:

> [...] não sabemos quem criou a água, mas sabemos por certo que não foram os peixes. Vivemos em nossas culturas como os peixes na água. A cultura é o nosso meio, os problemas são o que nos suscita esse meio, mas o meio não é objeto de nossa indagação. Daí, o meio ser a mensagem, que nos faz e nos transforma, mas que ignoramos e do qual não temos consciência, porque estamos como os peixes, mergulhados e hipnotizados por ele. (MCLUHAN, 1967,p.39)

Para McLuhan (1967) toda tecnologia que estenda os sentidos e as faculdades humanas produz conseqüências que resultam de atuação causal da tecnologia assimilada ou incorporada. O meio é visto como um conjunto de fatores que são conseqüência à introdução de qualquer nova tecnologia de extensão dos nossos sentidos e faculdades. O meio é, assim, mensagem, comunicação, algo invisível, mas atuante, que caracteriza a atividade humana.

O conteúdo de um meio é outro meio. O conteúdo da escrita é a fala, o conteúdo do impresso é a palavra escrita, ele é sempre a tradução de algo anterior

sob uma nova forma. O meio controla e modela a forma e a escala em que as atividades passam a poder ser praticadas.

O meio tem mensagem própria, mas o conteúdo contido no meio nos cega em relação ao conteúdo que é o próprio meio. O hábito de identificar o conteúdo é a razão pela qual não temos consciência do meio, e por isso, de não estudá-lo. Não temos consciência do meio, apenas de seus efeitos, assim, deixamos de estabelecer a conexão entre o meio e tais efeitos. Isto ocorre porque todo novo meio tecnológico constitui-se, ao ser absorvido pela sociedade, em um verdadeiro impacto sobre nosso modo de perceber a vida, causam mudanças nas relações entre os seres humanos e na estrutura social que são promovidas pela evolução dos meios de comunicação.

Para McLuhan (1967), se o meio é a mensagem, temos de estudá-lo, compreendê-lo e procurar controlá-lo e dirigi-lo, para que não apenas nos entregarmos a seus efeitos. Na esperança de que a sociedade se desperte desse sono hipnótico e perceba por que somos como somos, e por que a cultura é o que é, e conhecendo a cultura, sejamos capazes de orientá-la e dirigi-la.

4.2 A diagramação como mensagem

A necessidade do homem de criar códigos que o expliquem gerou o design, e a necessidade de comunicação entre os homens e os diversos sistemas que o rodeiam deram origem a uma variedade de áreas que hoje formam o conceito de design, dentre elas a diagramação.

O diagramador é o profissional que busca a melhor forma de fazer a mediação entre a produção jornalística e os leitores. O conteúdo é que impulsiona o projeto gráfico e este reflete a identidade das pessoas para as quais o jornal se destina, o design de notícias pretende conquistar a atenção do público e expressar a mensagem que através do meio é veiculada.

Segundo Amarildo Carnicel (1999), por trás do projeto gráfico de qualquer veículo de mídia impressa há uma questão que sempre acompanha o editor de arte: a identidade do veículo. Quando o leitor vir uma página e souber a que publicação ela se refere, ou seja, no instante em que ele, a partir do projeto gráfico apresentado, souber identificar o veículo mesmo sem ver o logotipo, o diagramador terá alcançado seu objetivo. Conhecer os conceitos relacionados à prática

jornalística e as características do público alvo é fundamental para a escolha dos elementos que constituirão o design da página e, por conseguinte, o veículo.

Além disso, Flávio Vinícius Cauduro (1998) aponta para a importância das correlações que o leitor faz entre a mensagem e os padrões culturais que acumulou ao longo da vida, pois o conhecimento adquirido influencia a compreensão dos componentes gráficos que constituem a página. Ou seja, para as mensagens chamarem a atenção e serem assimiladas são necessários, no projeto gráfico do impresso, elementos que façam parte do repertório histórico-cultural da população.

Cauduro (1998,p.26) acredita que o projeto gráfico só é eficiente quando combina "na devida proporção técnica, emoção e razão [...] para representar tanto as intenções de autores quanto os desejos dos leitores". O design assume, então, o papel de mediação entre a informação jornalística e o leitor.

Os meios impressos não podem mais ver de forma isolada a notícia do aspecto visual, ambos devem ser tratados com prudência e ética. O projeto gráfico não é somente uma seqüencia de componentes gráficos, mas um processo de comunicação. O design deve comunicar a realidade recortada e representada nas páginas de jornais e de revistas textualmente, o conteúdo e o desenho da página devem ser complementares, ao invés de um se sobrepor ao outro.

Allen Hurlburt (1977) diz que

> [...] para construir uma mensagem em design é necessário escolher letras das mais variadas estruturas, procurar no gesto, no traço, na fala, na escrita, na escrita da escrita. Às vezes é necessário decompor uma linguagem pegar uma ínfima parte dela e misturá-la com outras tantas para se fazer design, para se escrever design. (Hurlburt, 1977,p.107)

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

5.1 Análise dos cadernos especiais das Olimpíadas

Nesta etapa, analisei os cadernos especiais sobre os Jogos Olímpicos dos jornais Correio Braziliense, Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e Jornal do Brasil, dos dias 10, 17, 24 e 25 de agosto de 2008.

5.1.1 Análise do jornal Correio Braziliense

O Correio Braziliense é o jornal mais vendido de Brasília e uma referência em diagramação desde sua reforma gráfica nos anos 90, tendo recebido inúmeros prêmios na área de artes gráficas.

Para cobrir as Olimpíadas o jornal adaptou seu caderno de esportes, dedicando quase todo o espaço para os Jogos Olímpicos, apenas três ou quatro das doze páginas foram usadas para falar de outros eventos esportivos não ligados as Olimpíadas. O caderno, assim como o jornal, é em formato standard, 317x 560 mm, as páginas estão divididas em cinco colunas um pouco mais largas que o convencional, ocupadas com texto, fotos recortadas ou não, tabelas, sutiãs e boxes.

Tipo:

. Do título: Os títulos das matérias sobre as Olimpíadas ocupam de duas a três linhas e foram escritos com um tipo sem serifa, em caixa alta apenas no início das frases, normalmente com duas cores, preto e vermelho, e com diferentes tamanhos de letras de uma palavra para outra do mesmo título (figura 8).

Já os títulos de matérias sobre os esportes e campeonatos não olímpicos ocuparam até duas linhas, usam tipos serifados, também apenas com a letra que inicia a frase em caixa alta, sempre nas cores preto e um tom de cinza (figura 9).

Figura 8 – Título usado na capa do caderno de esportes de 17/08/08

Figura 9 - Título usado na pág. 46 do caderno de esportes de 10/08/08

. Do texto: Os textos dos sutiãs das matérias olímpicas usam tipos sem serifa em caixa alta (figura 10); os das matérias não olímpicas usam letras serifadas, com apenas a letra inicial da frase em caixa alta (figura 11). O texto dos olhos variou a cada página, em alguns usou tipos sem serifa com apenas a letra inicial em caixa alta, em outros usou outro tipo sem serifa com todo o texto em caixa alta, alguns também usaram recursos negrito e sublinhado. Em todas as matérias são usados tipos serifados, exceto em boxes, onde se utiliza tipos sem serifa.

Figura 10 - Sutiã de uma das matérias olímpicas da pág. 40 do caderno de esportes de 10/08/08

Figura 11 - Sutiã de uma das matérias não olímpicas da pág. 46 de 10/08/08

Cor: O jornal usou cores quentes como os vários tons de vermelho, amarelo, laranja, aproveitando assim a harmonia consonante existente para remeter o leitor às cores da bandeira chinesa. O preto e o cinza também foram bastante utilizados. O vermelho-alaranjado e vermelho foram usados no cabeçalho das páginas que

tratavam das Olimpíadas no caderno (figura 12); o vermelho intercalado com o preto nos títulos (figura 8); o amarelo foi usado nos ícones e subtítulos que antecediam as matérias de determinado esporte (figura 13). O laranja foi usado em detalhes de algumas páginas, como o fundo de alguns títulos, como os da grade de competições do dia (figura 14), intercalado com o preto em dois ou três títulos e nos subtítulos que antecediam notas sobre determinado esporte. O preto esteve presente em todos os títulos, intercalado com o vermelho nos títulos olímpicos, e pelo cinza (figura 9) nos títulos das matérias que não falavam sobre as Olimpíadas, além de ser a cor de todos os textos, sutiãs, boxes e olhos.

Figura 12 – Cabeçalho da capa do caderno de esportes de 17/08/08

Figura 13 – Subtítulo indicativo de esporte da matéria da capa do caderno de esportes de 17/08/08

Figura 14 – Título de um dos esportes presentes na grade de competições da pág. 38 de 10/08/08

Imagem:

. Fotografia: Todas as páginas contaram com pelo menos uma fotografia. Os tamanhos variaram de quase meia página a pequenas fotos de colunistas (figura 15). A maioria das fotografias veio de agências de notícias, algumas da D.A Press, agência do grupo Diários Associados.A maioria das fotos de páginas não olímpicas era usada por inteiro e sempre trazia uma moldura da cor preta (figura 16).

Quase todas foram usadas por inteiro, algumas foram recordadas em contorno e colocadas sob o texto (figura 17), algumas tiveram aplicação de títulos e textos sobre elas. Todas as fotos de colunistas eram recordadas em contorno.

Figura 15 – Foto recortada em contorno do colunista Tostão na coluna da pág. 44 de 10/08/08

Figura 16 - Foto de uma das páginas não olímpicas, pág. 44 de 10/08/08

BASQUETE

Imagem por reconstruir

NA MAIS AGUARDADA PARTIDA DA RODADA DE ABERTURA DO MASCULINO, A EQUIPE AMERICANA, EM BUSCA DE RENOVAR O STATUS PERDIDO DE TIME DOS SONHOS, ENCARA OS ANFITRIÕES CHINESES, DO GIGANTE YAO MING

KOBE BRYANT AVISA: "SE QUISERMOS CONTINUAR AMERICANOS, TEMOS DE GANHAR O OURO"

GRUPOS

A
Argentina, Austrália, Irã, Lituânia, Rússia e Croácia

B
Angola, China, Espanha, Estados Unidos, Alemanha e Grécia.

Regulamento: as equipes jogam em turno único dentro do grupo. Os quatro primeiros de cada chave se qualificam para as quartas-de-final. A partir daí, duelos eliminatórios até a final, marcada para o dia 24.

Pequim — Os Estados Unidos ainda podem ser chamados de Dream Team? Para boa parte dos especialistas, a resposta é não. O fracasso nas Olimpíadas de Atenas, em 2004, onde a equipe sofreu duas derrotas e ficou apenas em terceiro, ofuscou a fama de imbatível do basquete americano. Mas não acabou com a pose dos famosos e milionários atletas. Num dos duelos mais esperados do primeiro

mos continuar americanos, vamos ter de ganhar o ouro", afirmou o craque do Los Angeles Lakers, em tom descontraído. "Caso contrário, vou virar italiano e vocês vão me chamar de Kobe Giovanni." Os torcedores americanos consideram seu time muito superior aos adversários e não admitem novo tropeço. Bryant conhece bem o que eles pensam e, por isso, fez a

para os Estados Unidos com um terceiro lugar sabendo que as pessoas nos viam como os melhores do planeta."

O grande Dream Team foi o de Barcelona, em 1992, com Michael Jordan, Magic Johnson e Larry Bird. Era um escrete que atropelava os adversários. Em Atlanta/96 e Sydney/2000 os Estados Unidos mantiveram a soberania, mas sem o mesmo brilho. Na Grécia, a invencibilidade e o prestígio se fo-

Lucy Nicholson/Reuters

Figura 17 – Imagem recortada com aplicação de texto, pág. 44 de 10/08/08

. Ilustração: A ilustração esteve presente nos ícones dos esportes, nos quadros de medalhas (figura 18), nas grades de programação e principalmente no cabeçalho do caderno, que trazia um dragão chinês vermelho-alaranjado sobre um fundo vermelho.

QUADRO DE MEDALHAS

				TOTAL
1. China	2	0	0	2
2. Estados Unidos	1	1	1	3
3. Coréia do Sul	1	1	0	2

Figura 18 – Ilustrações das medalhas e do dragão chinês ao fundo, pág. 38 de 10/08/08

Infografia: Apesar de ser um recurso sempre muito utilizado pelo jornal, no caderno dedicado as Olimpíadas foram usados poucos infográficos, os usos foram para

explicar a localização de países e o posicionamento de jogadores em campo em jogos de futebol (figura 19).

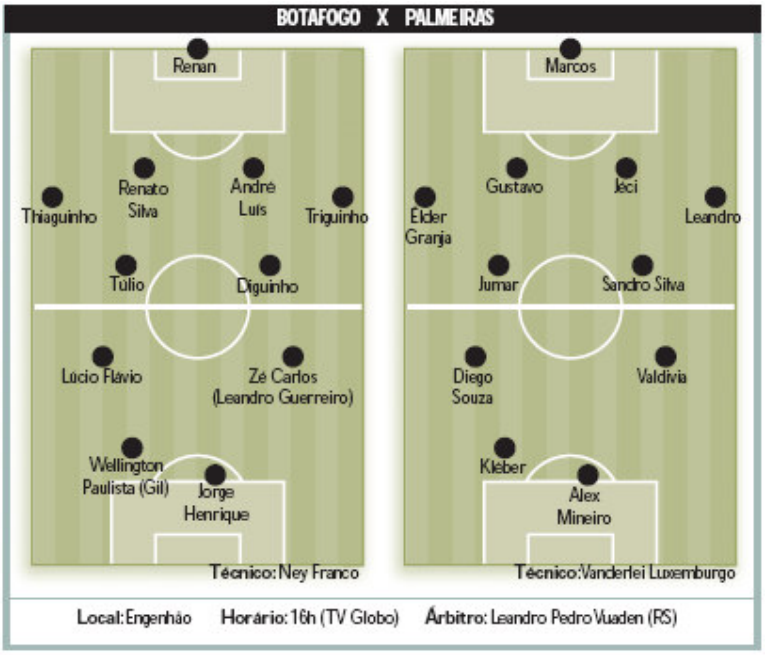


Figura 19 – Infográfico do posicionamento de jogadores de futebol em campo usado em matéria não olímpica, pág. 46 de 10/08/08

5.1.2 Análise do jornal O Estado de S. Paulo

A escolha do jornal O Estado de S. Paulo se deu primeiro por ser um jornal de alta vendagem, depois por ser uma publicação que com o passar dos anos vem modernizando sua diagramação.

O jornal trouxe um suplemento especial sobre os Jogos Olímpicos, com doze páginas em média, das quais duas são sobre os demais esportes e campeonatos que aconteciam além das Olimpíadas. A publicação, inclusive o suplemento olímpico, é em formato standard, 317x560 mm, as páginas estão divididas em seis colunas, que podem estar ocupadas não só com texto como com fotografias recortadas, tabelas, sutiãs ou boxes.

Tipo

. **Do título:** Os títulos das matérias sobre as Olimpíadas ocupam até três linhas; são compostos por letras grandes sem serifa, todas em caixa alta, na maioria dos casos

alguns títulos intercalam letras pretas com vermelho-alaranjadas, ou letras normais com outras em negrito (figura 20). Os subtítulos são com tipos sem serifa, em caixa alta.

Já os títulos de matérias sobre os esportes e campeonatos não olímpicos ocupam até quatro linhas, também usam tipos sem serifa, porém apenas com a letra que inicia a frase em caixa alta, em todos predomina também o uso de letras espessas, sem alternâncias de cores ou destaques (figura 21).

Figura 20 – Título da matéria da capa do caderno de esportes de 10/08/08

Figura 21 – Título de uma das matérias não olímpicas da pág. H11 de 10/08/08

. **Do texto:** O texto dos “sutiãs” das matérias olímpicas intercala tipos serifados com tipos sem serifa coloridos (figura 22), os das matérias não olímpicas usaram textos sem serifa e sem destaques (figura 23). Os textos dos “olhos” usam tipos serifados em negrito, com letras iniciais em caixa alta, alguns intercalam tipos serifados com tipos sem serifa coloridos. Em todas as matérias são usados tipos serifados, exceto em boxes e nas colunas dos comentaristas, onde se utiliza tipos sem serifa.

Figura 22 – Sutiã da matéria da capa do caderno de esportes de 10/08/08

Palmeiras, que não perde há cinco jogos, enfrenta o Botafogo no Rio e sonha com a vice-liderança

Figura 23 – Sutiã de uma das matérias não olímpicas da pág. H11 de 10/08/08

Cor: As cores mais usadas foram o preto, o vermelho-alaranjado, o amarelo, e o ciano. O preto foi usado nos textos e na maioria dos títulos; o vermelho-alaranjado, depois da cor preta, foi o mais usado, estava presente no cabeçalho do caderno (figura 24), intercalado com o preto em alguns títulos e em algumas linhas de contorno da capa. O amarelo estava presente na maioria das linhas de contorno das páginas, que delimitava as matérias (figura 25), o azul esteve presente em poucos títulos e "sutiãs", sempre intercalando outra cor.

Figura 24 – Cabeçalho do caderno de esportes de 10/08/08

Figura 25 - Linha amarela que delimita matéria da capa do caderno de esportes de 10/08/08

Imagem

. **Fotografia:** Todas as páginas contaram com pelo menos uma fotografia, mesmo que fosse do colunista que estava na página. Os tamanhos variaram de quase uma página inteira (figura 26) a pequenas fotos de colunistas. As fotos de páginas não olímpicas eram usadas por inteiro. A maioria das fotografias veio de agências de notícias internacionais, algumas da Agência Estado.

Quase todas foram usadas por inteiro, poucas foram recordadas, sempre em contorno, algumas tiveram títulos e textos aplicados sobre elas, fotomontagens com medalhistas de diferentes modalidades também foram utilizadas. Todas as fotos de colunistas eram recordadas em contorno.

Figura 26 – Foto de quase meia página da capa do caderno de esportes de 10/08/08

. **Ilustração:** Foram usadas ilustrações para representar principalmente, bandeiras dos países e medalhas nos quadros de medalhas, ilustrações das categorias esportivas, e desenhos de sóis e luas para os horários dos jogos (figura 27).

Figura 27 - Ilustrações de bandeiras, lua, sol à esquerda e medalhas à direita, pág. H8 de 10/08/08

Infografia: Os infográficos foram usados utilizaram fotografias e ilustrações para explicar os movimentos e pontuações em alguns esportes (figura 28).

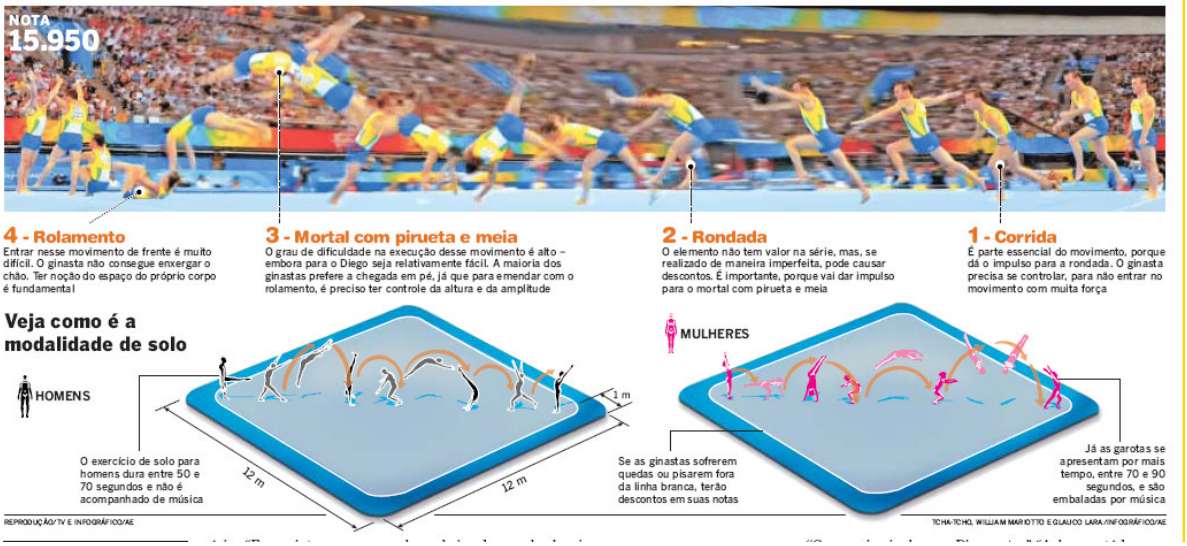


Figura 28 – Infográfico explicando salto de Diego Hypólito, pág. H3 de 10/08/08

5.1.3 Análise do jornal Folha de S. Paulo

A escolha do jornal Folha de S. Paulo se deu primeiro por ser um jornal de alta vendagem, depois por ser uma das publicações mais tradicionais do país.

O jornal adaptou seu caderno de esportes, dedicando quase todo o espaço para os Jogos Olímpicos, apenas três ou quatro das em média 16 páginas foram usadas para falar de outros eventos esportivos não ligados as Olimpíadas. O caderno, assim como o jornal, é em formato standard, 317x 560 mm, e as páginas estão divididas em cinco ou seis colunas, ocupadas com texto, fotos recortadas ou não, tabelas, sutiãs e boxes.

Tipo:

. Do título: Os títulos das matérias sobre as Olimpíadas ocupam até quatro linhas; são compostos geralmente por letras serifadas, com as letras iniciais das frases em caixa alta, em todos os títulos foi usada a cor preta (figura 29). O jornal não usou subtítulos nessas matérias. Fato interessante no jornal foi o uso de ideogramas, que são caracteres chineses nas capas dos cadernos (figura 30).

Os títulos de matérias sobre os esportes e campeonatos não olímpicos também ocupam até quatro linhas, usam tipos serifados diferentes dos usados nos títulos olímpicos, com a letra que inicia a frase em caixa alta, e sempre na cor preta (figura 31).

Figura 29 – Título de matéria da pág. D3 de 17/08/08

Figura 30 – Ideograma chinês usado na capa do caderno de Esporte 17/08/08

Figura 31 – Título de matéria não olímpica da pág. D 13 de 24/08/08

. Do texto: Os textos dos sutiãs das matérias olímpicas usam o mesmo tipo serifado dos títulos olímpicos, apenas em tamanho menor, com as letras iniciais das frases em caixa alta; os das matérias não olímpicas usam letras serifadas similares ao do texto, e letras sem serifa em negrito, com apenas a letra inicial da frase em caixa alta. O texto dos olhos usou tipos serifados, com apenas a letra inicial em caixa alta, e na cor preta. Em todas as matérias são usados tipos serifados, inclusive nos boxes.

Cor: As cores mais usadas foram o preto, o vermelho, o laranja, aparecendo raramente o ciano e o azul. O preto foi usado nos textos nos títulos; o vermelho, depois da cor preta, foi o mais usado, estava presente no título do caderno (figura 32), em algumas ilustrações e intercalado com o preto em alguns subtítulos. O laranja foi usado nos subtítulos que anunciavam as matérias de determinado esporte

(figura 33), e intercalado com o preto nos sutiãs das matérias que finalizavam o caderno. O ciano esteve intercalado com o preto em alguns sutiãs de matérias de fim de caderno, e o azul, também intercalado com o preto em algumas chamadas de capa.

Figura 32 – Cabeçalho da capa do caderno de esportes de 17/08/08

Figura 33 - Subtítulo indicativo de esporte do caderno de esportes da pág. D3 de 17/08/08

Imagem:

. Fotografia: O jornal usou várias fotos por página (figura 34), geralmente de tamanho médio e pequeno, algumas tiveram títulos e textos aplicados sobre elas, não foram usadas fotos dos colunistas e poucas fotos foram recortadas. A maioria das fotografias veio de agências de notícias internacionais, algumas da Folha Imagens, agência do grupo Folha.

Figura 34 – Exemplo do uso de várias fotos nas págs. D2 e D3 de 17/08/08

. Ilustração: A ilustração foi usada no título, num tipo de chama estilizada (figura 35), nos quadros de medalhas, e nos ícones que representavam os esportes.

Figura 35 – Ilustração da chama olímpica usada no cabeçalho da capa do caderno de esportes de 17/08/08

Infografia: Os infográficos foram usados para explicar movimentos de algumas modalidades olímpicas (figura 36) e reunir medalhistas.

QUESTÃO MATEMÁTICA

Confira o desempenho de Daiane dos Santos e de suas rivais na final do solo

	País	Nota de partida	Fase classificatória	Final por equipes	Final do indiv. geral
Cheng Fei	China	16,600	15,750	15,450	*
Sandra Izbaza	Romênia	16,500	15,475	15,550	15,300
Shawn Johnson	EUA	16,300	15,425	15,100	15,525
Anastasia Liukin	EUA	16,200	15,350	15,200	15,525
Daiane dos Santos	**Brasil**	**16,400**	**15,275**	**15,275**	*
Ekaterina Kramarenko	Rússia	16,100	15,150	15,125	15,150
Ana Pavlova	Rússia	15,900	15,125	13,850	15,125
Jiang Yuyuan	China	16,200	15,050	15,200	15,050

* Não disputou

Total de notas dadas no solo 130

Maior nota 15,750

Desvantagem de Daiane 0,475

Trunfo para a final:
Dos Santos (duplo twist carpado)

Com o corpo para a frente, Daiane executa dois mortais com as pernas juntas e estendidas

Figura 36 – Infográfico explicando salto de Daiane dos Santos, pág. D6 de 17/08/08

5.1.4 Análise do Jornal do Brasil

O Jornal do Brasil foi escolhido não por sua vendagem, que hoje se resume quase que por completo ao estado do Rio de Janeiro, mas por sua representatividade histórica dentro da diagramação, já que o JB foi o pioneiro da reforma gráfica pela qual os jornais brasileiros passaram entre os anos 50 e 60.

O jornal trouxe um suplemento especial exclusivo sobre os Jogos Olímpicos, formado por oito páginas, apenas algumas páginas eram coloridas, a saber, capa, as duas folhas centrais, a última página, e em algumas páginas uma ou duas fotos coloridas. Jornal e suplemento são em formato tablóide germânico, com páginas divididas em cinco colunas, ocupadas por texto, fotografias, tabelas e boxes.

Um diferencial do Jornal do Brasil em relação aos demais jornais analisados foi o uso da capa como se usa em revista. Nos demais jornais, além de uma foto de aproximadamente meia página, todos os outros jornais trouxeram matérias na capa. O Jornal do Brasil usou uma fotografia de página inteira com aplicação das chamadas sobre ela, como em uma capa de revista.

Tipo:

. Do título: Os títulos das matérias ocupam até quatro linhas; são compostos por tipos sem serifa, com a letra inicial da frase em caixa alta, todos nas cores preta nas matérias, e branca nas chamadas de capa (figura 37). Os subtítulos também são com tipos sem serifa, com a letra inicial da frase em caixa alta.

Figura 37 - Título de matéria olímpica da pág. D2 de 25/08/08

. Do texto: Os textos dos sutiãs usam tipos sem serifa, com a letra inicial da frase em caixa alta (figura 38). Os textos dos olhos variaram a cada página, em alguns usaram tipos sem serifa com apenas a letra inicial em caixa alta e entre uma linha no topo e outra na base; em outros também usaram outro tipo sem serifa com todo o texto em caixa alta, e sem linhas de borda. Em todas as matérias são usados tipos serifados.

Figura 38 – Sutiã de matéria da pág. D2 de 24/08/08

Cor: O jornal não investiu muito nas cores, as duas cores usadas foram o preto e a vermelho. O preto, além de ser usado em títulos e textos, também era a cor do título do caderno. O vermelho foi usado, juntamente ao preto, no título do caderno (figura 39), e nos nomes dos esportes das matérias principais nas páginas coloridas.

Figura 39 – Cabeçalho da capa do caderno de esportes de 24/08/08

Imagem:

. Fotografia: Quase todas as páginas trouxeram pelo menos uma foto, os tamanhos variaram de uma pequena foto do colunista a fotos de página inteira. As principais fontes das fotos foram agências internacionais e o Comitê Olímpico Brasileiro.

Quase todas foram usadas por inteiro, poucas foram recordadas, algumas tiveram títulos e textos aplicados sobre elas. Todas as fotos de colunistas eram recordadas em contorno.

A fotografia de capa foi um diferencial do Jornal do Brasil em relação aos demais jornais analisados, pois trazia uma fotografia de página inteira com aplicação das chamadas sobre ela, como em uma capa de revista (figura 40).

Figura 40 – Capa do caderno de esportes de 25/08/08

. Ilustração: O uso da ilustração se resumiu a ilustração do quadro de medalhas (figura 41).

1º) Estados Unidos	2	1	4	7
2º) China	2	1	0	3
3º) Coréia do Sul	2	1	0	3
4º) Austrália	1	0	0	1
Espanha	1	0	0	1
República Tcheca	1	0	0	1

Figura 41 – Ilustração das medalhas no quadro de medalhas da pág. D2 de 10/08/08

Infografia: O uso da infografia se resumiu a algumas tabelas mostrando características de adversários do Brasil e os medalhistas brasileiros.

5.2 Discussão

O tema proposto para discussão neste trabalho é o papel da diagramação como mensagem, e para tal foram usados o modelo teórico do meio como mensagem proposto por Marshall McLuhan (1967) e a análise dos cadernos olímpicos escolhidos.

Resumindo o modelo mcluhiano, o meio é mensagem porque é fator atuante na transmissão da informação, essa afirmação somada à análise dos cadernos comprova que o projeto gráfico de um veículo impresso não é somente uma seqüencia de componentes gráficos, mas um processo de comunicação.

No jornalismo impresso atual, a diagramação segue a linha editorial do veículo. Os mais tradicionais costumam ter uma diagramação mais simples, normalmente com pouco uso de cores, muitas colunas, tipos pouco confortáveis de leitura, ou pouco espaçamento, como por exemplo a *Folha de S. Paulo*. Já jornais mais modernos costumam apostar nas cores, tipos sem serifas e maior espaçamento entre linhas e colunas.

Alguns jornais tradicionais como o *Correio Braziliense*, apostaram na inovação visual, chamada de reforma gráfica, para atrair o público e manter-se no mercado, usam com muita propriedade espaços em branco, tipos variados, fotos em grandes tamanhos e capas-poster. Há também o caso dos jornais populares, como o *Extra*, do Rio de Janeiro, ou o *Coletivo* (figura 42), de Brasília, de valores baixo ou até gratuitos, que costumam utilizar excesso de cores fortes, tipos pesados, muito espessos ou em negrito, e um número muitas vezes maior de imagens que de texto.

Coletivo

seu jornal em movimento

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

BRASÍLIA-DF, QUARTA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO DE 2008 :: ANO VII Nº 1.975

www.jornalcoletivo.com.br

Para ninguém botar defeito

Show da *Gaiola das Popozudas* será sexta no Free Park. 15

Professor do DF vai ganhar o 14º salário

O governador José Roberto Arruda anunciou, hoje, durante as comemorações do Dia do Professor, o novo benefício para os profissionais da rede pública de ensino. 3

FISCALIZAÇÃO

DFTRANS RETIRA 120 ÔNIBUS DAS RUAS

Lacrados veículos que apresentavam diversas irregularidades e ameaçavam a segurança dos usuários. 8

Brasil Telecom

Você ganha mais e sua vida também.

Cartão pode ter o preço reduzido

É o que prevê novo projeto de lei. 6

Criado o dia de lavar as mãos

ONU quer combater várias doenças. 7

Feriado escolar impede tragédia

Fogo atinge ônibus usados por alunos. 11

Seleção quer dar olé nos gringos

Brasil joga, à noite, com a Colômbia. 12

Figura 42 – Capa do jornal Coletivo de 15/10/08, exemplo do uso excessivo de cores e tipos pesados

Mesmo sendo classificada como arte visual, a diagramação não tem o papel estético típico das artes, e sim a função de auxiliar, por meio do tipo, da cor, de imagens e de outros elementos eventualmente utilizados, na transmissão do conteúdo da notícia de forma satisfatória. A partir da análise dos cadernos olímpicos dos jornais foi possível constatar a ligação e a importância entre o conteúdo do texto e a arte da página, e conseqüentemente a função comunicacional da diagramação nesses jornais.

Por exemplo, para fazer alusão à China, país sede das Olimpíadas de 2008, todos os cadernos usaram alguma tonalidade de vermelho e amarelo, que são as cores da bandeira chinesa. Esse uso das cores da bandeira chinesa mostra a importância da correlação que o leitor faz entre a mensagem e os padrões culturais

que acumulou ao longo da vida, como ressaltou Cauduro, pois sem um conhecimento mínimo sobre o país em questão o uso das cores da bandeira pareceria apenas uma escolha aleatória do diagramador.

Outros dois aspectos comprovados pela análise dos jornais foram o uso da tipografia serifada por jornais tradicionais, como pode ser visto no mais tradicional dos jornais analisados, a *Folha de S. Paulo*, que utilizou tipos serifados inclusive nos títulos; e o uso de tipos serifados no texto, o mais aconselhado para grandes blocos de texto, já que as serifas dão uma sensação de ligação às letras e facilitam a leitura. Essa aplicação dos diferentes tipos mostra a importância da tipografia no universo do homem tipográfico, como McLuhan (1962) classifica o homem pós-imprensa em seu modelo teórico. A escolha do tipo não é feita ao acaso, mas para transmitir uma mensagem da forma mais clara possível, a fim de agradar a um determinado grupo, seja ele o público ou o grupo editorial ao qual pertence.

Curiosamente a infografia foi pouco utilizada em todas as publicações, inclusive no *Correio Braziliense*, conhecido pelo bem sucedido uso desse recurso gráfico. Já a fotografia manteve seu lugar de destaque no mundo visual do ser tipográfico, trazendo emoção e movimento através, das fotos dos atletas em ação, aos textos das matérias.

Dos elementos gráficos utilizados na diagramação dos cadernos analisados, o que teve um caráter mais estético de fato foi a ilustração, que esteve presente, na maioria dos casos, substituindo possíveis imagens reais, como fotografias das medalhas ao invés de ilustrações, o que foi usado em todos as publicações.

6 CONCLUSÃO

O tema deste trabalho permitiu que se conhecesse um pouco mais sobre a história da imprensa escrita, e os elementos gráficos que fazem parte deste universo, além de levantar a discussão sobre a importância das artes gráficas dentro da comunicação.

O tipo é a essência da existência do jornalismo impresso, sem ele não há comunicação de fato. A partir do surgimento da escrita o homem passou a transmitir seu conhecimento de forma recortada, moldada pelo tipo, pelo uso da letra. Segundo McLuhan (1962), o surgimento da tipografia modificou a percepção de tempo do homem, ela acelerou o modo de vida da humanidade e acrescentou grandes cargas de informação.

A organização visual favoreceu a absorção do excesso de informação, ajudando a classificá-la dos assuntos mais aos menos importantes. Desde que os jornais assumiram sua forma atual e abandonaram o formato de livro a informação é exposta em forma de mosaico, ou seja, várias informações concentradas numa mesma página.

Nessa realidade, a diagramação tem como função, organizar a grande quantidade de informação destinada ao muitas vezes pequeno espaço da página; ressaltar certos aspectos dentro de cada matéria e atrair a atenção do leitor para determinada publicação, já que com o desenvolvimento de outras tecnologias de comunicação, a mídia impressa perdeu seu status de única fonte de informação, apesar de ter se tornado sinônimo de maior aprofundamento da notícia.

A partir da pesquisa realizada neste trabalho, chega-se a conclusão que, pelo que defende McLuhan (1967) em relação aos meios, a diagramação pode ser a mensagem, já que é fator atuante na transmissão da informação, e em alguns casos, como o uso das cores da bandeira chinesa nos cadernos sobre as Olimpíadas de Pequim, a própria diagramação tem uma mensagem própria.

Ainda usando o modelo teórico de McLuhan (1967) que diz que nossos sentimentos têm seu relacionamento natural e harmonioso com as tecnologias que estendem nossos sentidos, a palavra escrita é uma extensão de nossos olhos, o vestuário de nossa pele, o rádio de nossos ouvidos, pode-se concluir que as artes gráficas são a extensão das funções cognitivas do ser humano ligadas às artes e à abstração.

Algumas das dificuldades encontradas para a realização deste trabalho foram os livros sobre artes gráficas existentes, que são muito técnicos, os mais analíticos são voltados para as artes plásticas, há uma carência de livros que analisem o papel das artes gráficas dentro da comunicação. Outra dificuldade encontrada foi a inexistência de uma uniformidade da classificação do nome das cores, cada autor usava nomes diferentes para classificar, principalmente, as cores terciárias e complementares. Além disso, há a inexistência de uma versão *online* ou digital do jornal *Folha de S. Paulo*, e uma versão digital de melhor qualidade do *Jornal do Brasil*.

Creio que o trabalho poderia ser mais completo não fosse a dificuldade de fontes bibliográficas e o pouco tempo destinado a uma pesquisa tão extensa, porém dentro destas limitações creio ter realizado um bom trabalho.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Emanuel. A construção do livro: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1986.

BASILE, Sidnei. Elementos do Jornalismo Econômico. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BRINGHURST, Robert. Elementos do Estilo Tipográfico. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CANGA LAREQUI, J. El Diseño Periodístico en Prensa Diaria. Barcelona: Bosch, 1994.

CARNICEL, Amarildo. O Projeto Gráfico do Jornal: elementos para a preservação da identidade visual sem prescindir das inovações tecnológicas, 1999. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/xxii-ci/gt04/04c03.PDF.

CAUDURO, Flávio Vinicius. A prática semiótica do design gráfico. Verso & Reverso, n. 27, jul./dez., 1998.

FALLEIROS, Dario Pimentel. O mundo gráfico da informática: editoração eletrônica, design gráfico e artes digitais. São Paulo: Futura, 2003.

FARINA, Modesto. Psicodinâmica das cores em comunicação. São Paulo: Edgard Blücher, 1990.

HURLBURT, Allen. Layout: o design da página impressa. São Paulo: Nobel, 1977.

MCLUHAN, Marshall. A galáxia de Gutenberg. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Contrix, 2002.

MCLUHAN, Marshall. Os meios são as massa-gens. Rio de Janeiro: Record, 1969.

PEDROSA, Israel. Da cor a cor inexistente. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda., 2003.

SCALZO, Marília. Jornalismo de revista. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Rafael Souza. Diagramação: O Planejamento Visual Gráfico na Comunicação Impressa. 1° edição. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

SOUSA, Jorge Pedro. Elementos do jornalismo impresso. Porto, 2001.

Associação Tipográfica Internacional
http://www.atypi.org

Biblioteca Online de Ciências da Comunicação
http://www.bocc.ubi.pt/

Enciclopédia Britannica
www.britannica.com

ANEXOS

ANEXO A – CORREIO BRAZILIENSE

37 esportes

Brasília, domingo, 17 de agosto de 2008

Correio Braziliense

NATAÇÃO

CIELO É CERCADO PELA IMPRENSA APÓS O FEITO EM PEQUIM. CAMPEÃO VOLTA AO BRASIL AMANHÃ E VAI CURTIR ALGUNS DIAS COM A FAMÍLIA EM SANTA BÁRBARA DO OESTE (SP)

O caminho para a vitória

CÉSAR CIELO CONTA OS BASTIDORES DA CONQUISTA DO INÉDITO OURO PARA O BRASIL NA MODALIDADE. PAULISTA DIZ QUE A MEDALHA DE BRONZE NOS 100M LIVRE ACABOU COM SEUS PENSAMENTOS NEGATIVOS E O DEIXOU MAIS CONFIANTE

Leia mais sobre César Cielo na página 30

Capa do caderno de Esportes de 17/08/08

CAMPEONATO BRASILEIRO

Vice-líder Cruzeiro encara a Portuguesa. Fluminense tenta vencer a segunda seguida, contra o lanterna Ipatinga. Tita faz sua estréia no Vasco diante do Vitória, no Barradão

Raposa quer manter o embalo

DA REDAÇÃO

No encerramento do primeiro turno do Campeonato Brasileiro, o Cruzeiro encara a Portuguesa, hoje, às 16h, no Canindé. Vice-líder da competição, com 16 pontos, o time ministro kita pela quinta vitória consecutiva no torneio. Já a Lusa vive pior fase e flerta com a zona de rebaixamento, com 10 pontos.

O técnico Adilson Batista, no entanto, sabe que sua equipe não encontrará facilidades diante do time paulista. "Precisamos manter a concentração e dedicação. Temos que cumprir aquilo que foi passado e os jogadores devem entrar atentos e inspirados. Não existe jogo fácil", comentou o treinador mineiro.

Epara piorar, Adilson não contará com um dos principais atletas da equipe: o atacante Guilherme recebeu o terceiro cartão amarelo e está suspenso. As opções são Jajá, Rotsaldo, Welkiss, Wanderley, e Jonathan.

A dúvida fica por conta do meia Wagner. O jogador ainda se recupera de uma torção no joelho direito. Caso ele retorne só treino, Gerson Magrão poderá ser escalado, formando a dupla de ataque com Rômulo. Se Wagner for novamente vetado, a tendência é que Gerson Magrão permaneça na função de armador.

Na Portuguesa, o técnico Valdir Espinosa também tem problemas para armar a equipe. O atacante Diogo, artilheiro do time na competição com seis gols, está negociado e pode ser vendido para o futebol europeu — o Olympiakos, da Grécia, encaminhou proposta de oito milhões de euros (R$ 19,1 milhões), mas a Portuguesa exige, no mínimo, 18 milhões (R$ 42,9 milhões). Ou seja, ansioso pelo desfecho do negócio, alega dificuldades psicológicas e equipe-se de atuar.

Reação

O Fluminense tem a chance de terminar o primeiro turno fora da zona do rebaixamento. Para isso, o time carioca precisa vencer o lanterna Ipatinga, hoje, às 18h10, no Ipatinguinho, e torcer por uma combinação de resultados: empate entre Náutico e Santos, na Ilha, e derrota da Portuguesa para o Cruzeiro, no Canindé. O SporTV (Net e Sky) anuncia transmissão.

Sem poder contar com o zagueiro Luiz Alberto, suspenso, o técnico Renato Gaúcho escalou Anderson na posição, e decidiu manter o resto da equipe que venceu o São Paulo, por 3 x 1, na última quarta-feira, com boa atuação.

Ainda sem vencer fora de casa, o Ipatinga se obriga a fazer prevalecer o fator campo. Em 2008, a equipe ainda não fez bom papel fora do Ipatinguinho. Foram 15 jogos, dois empates e 13 derrotas, com um aproveitamento de apenas 8,4% dos pontos.

Estréia

No Vasco, mudanças no treinador, com a chegada da dupla de técnicos Alberto Leite e Paulo Pelaipe, e também na comissão técnica e até a estratégia de jogo. Mas o maior desafio que Tita vai enfrentar em suas estréias, sabe-se, é o Antônio Lopes, o treinador no último cruzamento na partida contra o Vitória, hoje, às 16h, no Barradão, a convicção de que é possível vencer fora de casa. Atualmente, o time está a três pontos da zona de rebaixamento. Já o Vitória faz uma boa campanha no Brasileiro e tem 20.

Tita sabe que recuperar a autoestima do Vasco não é missão fácil. Ele não conta com peças importantes como o zagueiro Jorge Luiz e o ala-esquerdo Edu, sendo suspensos, além de Morais, com problemas psicológicos, e o meia Leandro Ecofin, que se recupera de tendinite no joelho esquerdo. Em compensação, a pedido do treinador, Edmundo está confirmado no ataque vascaíno ao lado de Leandro Amaral.

No Vitória, a novidade é a provável estréia do técnico Vagner Mancini. O treinador recusou propostas do Santos e Atlético-MG. Mas o Atlético-PR também teve interesse no parceiro.

O TÉCNICO ADILSON BATISTA PEDE EMPENHO NA MATEIA CONTRA A PORTUGUESA

NA INTERNET

Veja neste fim de semana um programa especial com Zico, o maior ídolo do Flamengo. O Galinho falará sobre sua trajetória de vitórias da torcida rubro-negra, contra os jogadores e jurados não permanecer presidente do clube carioca, mas em comandar equipes no Brasil. A Seleção Olímpica também é tema para o ex-craque. Confira, ainda, a análise dos jornalistas do Correio Braziliense sobre os resultados da 1ª rodada, que fecha o primeiro turno do Campeonato Brasileiro. Também falamos da vitória do Gama diante do Criciúma e da derrota do Brasília-se para o Juventude, pela 17ª rodada da Série B do Brasileiro.

SÉRIE C

Teste de paternidade

JOAQUIM MAIA
DA SUCURSAL DO CORREIO

No Dia dos Pais, coube prendendo Dom Pedro II enfrentar o desafio de provar a força para passar a chefiar o Grupo 21 da Série C do Campeonato Brasileiro. Na segunda posição, com quatro pontos, o vice-campeão cearense de seis pela liderança contra o papão convidado Atlético-GO, com seis pontos, no Serrinha, hoje, às 16h, pela terceira rodada da segunda fase. No outro jogo da chave, Mixto-MT foi ao Coliseu, com um ponto, e Itumbiara-GO (ultimo, sem ponto) buscará a vitória, às 10h, de Brasília, em Goiânia.

Na liderança do Grupo 21, com 100% de aproveitamento, o tradicional Atlético é dono da melhor campanha entre os 63 participantes da Série C, ainda invicto, com seis vitórias e dois empates na zona das duas fases. "É um jogo bom, contra um time grande. Tem muita atenção da mídia. Já imaginou se a gente ganhar?", pergunta o técnico do Dom Pedro, José Lopes Ferreira. "Eles têm que tomar cuidado porque a gente também foi primeiro do grupo", lembra o meia-atacante Dalmirinha, artilheiro do Sorrisense, com seis gols, em referência à liderança vermelha na Chave 10 da primeira fase.

Curiosamente, cada dois técnicos adversários têm laços de amizade desde a passagem de Mauro Fernandes pelo Brasiliense, em 2003, quando Ferreira comandava a equipe de juniores do Jacaré. "Estamos tendo para caminha para o Dom Pedro se classificar juntamente com a gente", afirma Fernandes.

O Dom Pedro deve ter duas mudanças. De volta da suspensão, o beque Rodrigo Mello deve ser improvisado na cabeça-de-área, com a barração do atacante Índio. A outra troca é forçada. Com a lesão no joelho do ala-direito Cleiton, em choque com o companheiro Daniel na última rodada, Amaral assume a posição.

AGENDA ESPORTIVA

HOJE

FUTEBOL

TÊNIS

COMPETIÇÕES DE HOJE

HOJE NA TV

FUTEBOL

VÔLEI

Hora do reencontro

QUATRO ANOS DEPOIS DE PERDER PARA A RÚSSIA EM ATENAS, BRASIL ENCARA NOVAMENTE AS EUROPEIAS, AGORA PELA SEGUNDA RODADA DA FASE DE CLASSIFICAÇÃO DOS JOGOS DE PEQUIM

A ATACANTE SHEILA FOI UM DOS DESTAQUES NA VITÓRIA SOBRE A ANGOLA

FÁBIO DUARTE
EM PEQUIM (ENVIADO)

Pequim — Atenas 2004, semifinais do torneio olímpico de vôlei feminino. Brasil e Rússia se enfrentam. Adversária em clara vantagem de 2 a 1, era uma e ganhava o quarto por 24/18. As russas viram e fizeram o tie break, quando fechama partida. O resultado que tirou o Brasil da final abalou a equipe emocionalmente, a ponto de não conseguir brigar com as rubras pela medalha de bronze. Cuba ganhou por 3 sets a 1. Ainda hoje as jogadoras que participaram daquele jogo recebem as reflexões da derrota e as cobranças. Pois na madrugada de amanhã, às 2h30 (de Brasília), as duas seleções voltam a se enfrentar, em condições bem diferentes. Já que o jogo é válido apenas pela segunda rodada do Grupo B da fase de classificação dos Jogos de Pequim.

Para o Brasil, que estreou com uma vitória fácil sobre a Angola por 3 sets a 0 (25/11, 25/11 e 25/10), uma nova vitória o aproximará da classificação às quartas-de-final. Já a Rússia precisa vencer, já que estava perdendo para a Itália por 3 sets a 1 (25/20, 17/25, 25/16 e 25/23), para não ver na situação se complicar.

Embora todas as jogadoras sejam unânimes em afirmar que aquela partida decisiva é coisa do passado, uma delas apontada como uma das principais culpadas pela derrota, a atacante Mari, quebrou o silêncio sobre essa assunto e citou o verbo. "Culparam as pessoas erradas. Entre cinco jogadoras, nunca houve nenhuma crítica. Também é verdade que algumas pessoas que falha à responsabilidade, não assumiram", disse, sem querer endossar o comentário.

A atacante mineira Sheila não esteve em Atenas, mas diz que é como se tivesse estado, de tanto que ouviu falar sobre aquela partida. E quando perguntada sobre o fato de ter a chance de uma vingança, desconversa. "A Rússia é um adversário como outro qualquer. É um jogo de bolas altas e levemos de ter um tempo para nos adaptarmos, para entrarmos no ritmo", explica a jogadora. E ela faz um alerta pára o fato do adversário estar ferido. "Por mais terrível que tido hoje (ontem), vão colocar mais gás, mais pilha no jogo."

O técnico José Roberto Guimarães aproveitou a fragilidade da Angola para preparar a equipe para o confronto com a Rússia. "Nós jogamos já pensando na Rússia. Tentamos conquistar a maneira como pretendo, além de algumas variantes. O principal nesse período foi acertar bem, para quebrar a recepção delas, pois é um time muito alto e não levamos dificuldade se elas jogarem com a bola na mão."

Festa da torcida

Foi no vôlei de quadra que a torcida brasileira primeiro se manifestou em Pequim. Já do lado de fora, na chegada, podia-se ver as camisas verde-amarelas, alguns deles com o espírito aventureiro, como um grupo de seis amigos, de São Paulo, que veio para Pequim sem ingresso.

"Minha paixão é o vôlei e vim para cá só para ver as partidas dos times masculino e feminino. Quando era novo, eu jogava. Vou onde quer que nossas seleções estejam jogando", diz o empresário Thadeu de Paula, de 40 anos, que conta ter conseguido comprar o ingresso por 100 dólares, que corresponderam a R$ 25.

"Eu não consegui comprar os tíquetes com antecedência. Então decidi vir antes mesmo. Vim para fila e consegui, perguntar. Quem tinha ingresso, Kátia conseguindo o meu, antes como meu amigo", conta Dorinete.

Rapidamente o ginásio se encheu. Lá dentro, os brasileiros estavam empolgados, mas sem pouco, apesar da ansiedade de se pronunciar, eles foram se juntando. Aí, começou a festa dos arquibancadas, que se pintaram e provocou uma reação dos chineses, que passaram a torcer para as argelinas, mas em vão.

Força positiva

RICARDA (E) E DELIA WILLIAM DIZ A SELEÇÃO BRASILEIRA DE VÔLEI TEM QUALIDADE PARA GARANTIR MEDALHA

CAMILA RIOS
ENVIADO ESPECIAL

Após conquistar o bicampeonato do Grand Prix, no Japão, a Seleção Brasileira feminina de vôlei comandada pelo técnico José Roberto Guimarães chega com a moral bastante elevada ao Jogos de Pequim. Apesar de ter vencido a Argélia no primeiro confronto por 3 a 0 (25/11, 25/11 e 25/10), o Brasil não quer cair na armadilha do favoritismo. O fato é que o time está mais concentrado e amadurecido para tentar garantir uma medalha olímpica. A seleção verde-amarela, quarta colocada nos Jogos de Atenas-2004 e atual líder do ranking mundial, está no grupo B junto com Sérvia, Itália, Rússia, Cazaquistão, além da Argélia. As russas foram as algozes da seleção nos Jogos passados, quando venceram a semifinal por 3 a 2 de virada.

Leila, um dos grandes nomes da Seleção Brasileira de vôlei (participou de três olimpíadas: Barcelona-1992, Atlanta-1996 e Sydney-2000, levando o bronze na última), e atualmente atleta de vôlei de praia, afirma que está gostando da postura da equipe de Zé Roberto. Na opinião da jogadora, o Brasil sempre teve bons times de vôlei feminino, inclusive, o que perdeu os Jogos de Atenas. "Aqueles da derrota para Rússia, quando estava ganhando de 2 a 1, 0 time era forte", avalia.

Com o cumbe-cimento de quem foi eleita a melhor jogadora do mundo no Grand Prix da Ásia, em 1994, Leila lembrou que a posteira Mari foi muito criticada pela derrota do Brasil em Atenas. na mesma situação totalmente injusta, pois a atleta era transparência para carregar a obrigação. Ela fizeram 20 anos, mas marcou 37 pontos contra a Rússia. Quem tinha de assumir o comando do time era a mais velhas. De qualquer maneira, a Mari sinalizou ao. "No início de Leila, o bom é que a atual equipe está bem entrosada e sem falar muito "infiéis".

Ricarda, outra ex-jogadora da Seleção Brasileira de vôlei também fez apostas positivas ao grupo de Zé Roberto. Para a brasileiras, a equipe feminina do Brasil tem todas as condições de trazer uma medalha. Ela se recilda que nas Olimpíadas de Atenas o time já tinha chances de subir ao pódio, inclusive, de trazer o ouro. "A Seleção tinha jogo para isso, mas infelizmente, não deu. Hoje, depois de um ciclo olímpico vencido, que o grupo evoluiu."

Ricarda garante que por tudo que a Seleção passou, pelos momentos difíceis, o time está amadurecido. "A Mari, eleita melhor jogadora do Grand Prix de Vôlei feminino, por exemplo, era muito jovem em 2004. Aliás, junto com ela outras atletas também evoluíram, como a Paula Pequeno e a Sheila. Tenho certeza que o Brasil ganhou mais consistência até porque a equipe ainda conta com a experiência da Fofão", destaca. A Valeria retorna jogou comigo em Sydney. Elas têm muita "craquice de bola", avalia. Na opinião de Ricarda, entre é um momento que não pode ser perdido. A atleta destaca que as brasileiras estão bem estruturadas para conseguirem uma medalha e fortalecerem o esporte no Brasil.

NATAÇÃO

Joanna Maranhão fora da final dos 400m medley

Em sua primeira prova no Cubo d'Água, a pernambucana Joanna Maranhão (Foto) não conseguiu repetir a façanha de Atenas-2004, quando se classificou para a final dos 400m, nado medley. A nadadora fez o tempo de 4min56s18, bem próximo daquele que conseguiu na final da Grécia (4min44s1), até hoje recorde sul-americano. Mesmo assim, ela ficou fora da disputa. A eliminatória teve a norte-americana Elizabeth Beisel com melhor tempo (4min14s65), seguida da compatriota Katie Hoff, atual do recorde mundial. Joanna ficou apenas com a 17ª marca.

NADO

Nocetti e Fabiana conseguem classificação

Os nadadores brasileiros começaram bem a participação nas Olimpíadas de Pequim. André Nocetti e Fabiana Beltrame, sob o de single shift, conseguiram a classificação para as quartas-de-final da prova, que terão disputadas na madrugada de amanhã. O atleta nasce Andersen Nocetti, de 24 anos, em sua terceira edição das Olimpíadas, terminou em segundo lugar em sua bateria, com 7min15s62, e ficou com o 15º melhor tempo geral. Fabiana Beltrame foi a quarta colocada em sua bateria, com 8min01s94, e ficou com o 17º melhor tempo geral. Na quarta-de-final, são 24 competidores, divididos em quatro baterias. Classificam-se os dois melhores de cada prova, mais os quatro que obtiveram os melhores tempos.

FUTEBOL MASCULINO

Mudança de camisa gera protesto de jogadores

Os jogadores da Seleção Brasileira não gostaram da mudança na camisa — o uso do escudo da CBF como se cinco estrelas do pavão, foi proibido. A entidade decidiu alterar não de sua. Ronaldo na sexta-feira à noite, em Shenyang — o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, foi convencido pela cúpula do Comitê Olímpico Brasileiro, sob ameaça de que poderia prejudicar a candidatura do Rio à sede das Olimpíadas de 2016. Para não ser acusado de atrapalhar os planos olímpicos do Brasil, Teixeira, já com a organização da Copa de 2014 assegurada, teve de ceder. "É palhaçada. Coisa política", disse o volante Anderson. "Nosso escudo tem história, e não foi nenhum político que conquistou esse cinco estrelas (representam os cinco títulos mundiais da Seleção). Fomos os jogadores do passado."

VELA

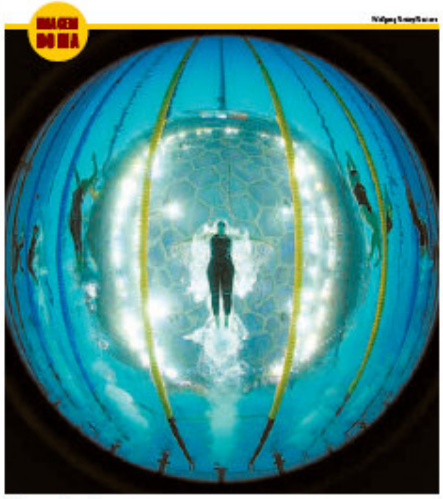
Bimba tenta esquecer fracasso de Atenas

Uma das grandes esperanças brasileiras de medalha de ouro, Ricardo Winicki, o Bimba, começa amanhã, às 2h (de Brasília), a jornada rumo a uma medalha de ouro inédita na classe 49.X. Bimba foi uma das figuras marcantes das Olimpíadas de Atenas. Ele quase ficou sem prova, pois teve uma competição antes à última regata, quando precisava chegar apenas em terceiro. Foi rapinado pelo adversário e terminou a disputa em décimo — se fizesse em 16º, teria ficado com o bronze, mas sem uma posição acima. Foi um choque para o velejador que soube se recuperar. No ano passado, conquistou o título mundial, em Cascais, Portugal. Nos últimos dias, ele preferiu o isolamento, não em treinamento de longe do difícil vento em Qingdao, local das provas de vela dos Jogos de Pequim.

ESPORTES

[PLACAR]

IMAGEM DO DIA



Fantástico

Nas alturas atletas dos 40 km medley a 3 tempos, que se tornaram pelas mãos do nosso Cubo d'Água de Pequim o espetáculo à parte dos jogos. Alguns deles participarão da prova, uma das mais aguardadas pela final.

QUADRO DE MEDALHAS

				TOTAL
1. China	2	0	0	2
2. Estados Unidos	1	1	1	3
3. Coreia do Sul	1	1	0	2
4. Espanha	1	0	0	1
República Tcheca	1	0	0	1
Ucrânia	1	0	0	1
7. Áustria	0	1	0	1
Cuba	0	1	0	1
Itália	0	1	0	1
Rússia	0	1	0	1
Turquia	0	1	0	1
12. Argentina	0	0	1	1
Coreia do Norte	0	0	1	1
Croácia	0	0	1	1
Holanda	0	0	1	1
Japão	0	0	1	1
Suíça	0	0	1	1
Tailândia	0	0	1	1
Venezuela	0	0	1	1

Cinco medalhas ainda não foram distribuídas

[O BRASIL EM PEQUIM]

[DESTAQUES NA TV]

BASQUETE

Imagem por reconstruir

NA MAIS AGUARDADA PARTIDA DA RODADA DE ABERTURA DO MASCULINO, A EQUIPE AMERICANA, EM BUSCA DE RENOVAR O STATUS PERDIDO DE TIME DOS SONHOS, ENCARA OS ANFITRIÕES CHINESES, DO GIGANTE YAO MING

KOBE BRYANT AVISA: "SE OS BRASILEIROS CONTA BLAIR AMERICANOS, TERÃO DE GANHAR O OURO"

Foto: Matthew Stockman

GRUPOS

A
Argentina, Austrália, China, Espanha, Estados Unidos, Grécia

B
Angola, China, Espanha, Estados Unidos, Alemanha e Grécia

Regulamento: os quatro jogos em cada um dos dois grupos. Os quatro primeiros de cada chave se qualificam para a quarta-de-final. A partir daí, dados eliminatórios até a final, com mata-mata e 3º x 4º.

Pequim — Os Estados Unidos ainda podem ser chamados de Dream Team? Para boa parte dos especialistas, a resposta é não. O fracasso nas Olimpíadas de Atenas, em 2004, onde a equipe sofreu duas derrotas e ficou apenas em terceiro, chamou a fama de imbatível do basquete americano. Mas não acabou com a pose dos farturas e milionários atletas. Nas duas duelos mais esperados do primeiro fim de semana olímpico, os EUA iniciam a luta para recuperar o título de time dos sonhos. O adversário é a equipe da casa, liderada pelo ídolo Yao Ming, hoje, a partir das 11h15 (de Brasília).

Kobe Bryant resumiu a empolgação e sentimento de sua seleção. A medalha de ouro não será grande conquista. Mas apenas uma obrigação a ser cumprida. "Se quisermos continuar americanos, vamos ter de ganhar ouro", afirmou o craque do Los Angeles Lakers, em tom descontraído. "Caso contrário, vou virar italiano e vocês vão me chamar de Kobe Giovanni." Os torcedores americanos consideram seu time muito superior aos adversários e não admitem outro tropeço. Bryant conhece bem o que eles pensam e, por isso, faz a brincadeira. Lembra bem da decepção pelo "desastroso" bronze conquistado há quatro anos.

O discurso ironiza os colegas, que seguiram a linha de raciocínio. "Se não forem os campeões, vou negociar com todo com uma equipe de outro país, não vou voltar", declarou Carmelo Anthony, do Denver Nuggets. "Em 2004, foi embaraçoso voltar para os Estados Unidos com um terceiro lugar sabendo que as pessoas nos viam como di rebêmos do planeta."

O grande Dream Team foi o de Barcelona, em 1992, com Michael Jordan, Magic Johnson e Larry Bird. Era um escrete que atropelava os adversários. Em Atlanta (96) e Sydney (2000) os Estados Unidos ainda ganharam a liberação, mas sem o mesmo brilho. Na Grécia, a inexistência de prestígio se fez sentir. Desta vez, os atletas americanos passam pelo forte Grupo B. Depois da estreia, contra os anfitriões, os americanos terão pela frente Espanha e Grécia, atuais campeão e vice-mundial.

O Ginásio Olímpico recebeu 18 mil pessoas, todas torcendo muito os americanos, liderados por Bryant e LeBron James, do Cleveland Cavaliers. Os chineses, fanáticos pelo esporte, não ovacionar Yao Ming, que atua pelo Houston Rockets, da NBA. Mesmo assim, os visitantes levaram ampla vantagem. O Brasil, mais uma vez, vai assistir ao Dream Team pela televisão. Pela terceira vez consecutiva, a seleção nacional não conseguiu a qualificação para as Jogos Olímpicos.

Dom Phillips

Início nada promissor

Pequim — Não foi por falta de apoio moral que a seleção feminina de basquete não conseguiu vencer a Coréia do Sul e manter a estrela nos Jogos Olímpicos. Antes de começar a partida, no Ginásio Olímpico de Basquete de Pequim, enquanto as meninas do técnico Paulo Bassul se aqueciam em quadra, o Djoal entoava um "Era Pequim no meu sonho e marcou vez". "Deixa a vida me levar/Vida leva eu/Sou feliz e agradeço por tudo que Deus me deu". No tênis estão NBA, com quatro encontrar telas formando um quadrado no centro superior da quadra, imagem da ex-jogadora Janeth, que até outro dia estava com o grupo no Pan do Rio. Estava tudo ali. Leca e Janeth, pagando apoio moral. E ainda pela frente o mais fraco adversário da chave. Era só garfinar. O Brasil perdeu.

Depois de ficar na frente com três primeiros quartos e abrir vantagem de sete pontos, a equipe cochilou. Preferiu abrir mão das cestas no último tempo para fazer de olho no cronômetro. Achou que dava para administrar. Deixou as coreanas empatarem o duelo, 55 x 55, e levou a melhor na prorrogação, por 61x62. "Brasileiro tudo na prorrogação e elas nos surpreendem. Tivemos chances de matar a partida, mas não matamos. Cometemos muitas faltas e nossas cestas de três não foram cada hora", comentou Adriana Silva, novamente uma das melhores da equipe. Ela fez 10 pontos. Kelly foi quem mais pontuou: 13.

O Brasil terminou a partida com vários erros e mais baixo do seus últimos jogos nos arremessos: 35%. Acertou 23 das 65 tentativas. "Perdemos a nossa margem de erro. Erramos, mas não matamos", comentou o técnico Paulo Bassul, ao admitir a boba em geral. "Tivemos 26 erros de passe", contabilizou. O pior é que o Brasil, que precisaria ganhar de qualquer jeito na segunda partida, teria pela frente, na manhã de amanhã, a Austrália, campeã mundial e medalha de prata dos Jogos de Atenas, em 2004. Para de duríssima. Derrota certa? Não na vitrine. "Temos agora de beliscar alguns desses favoritos", exigiu Bassul, em referência a Rússia e Austrália.

As duas equipes cinzas começaram com muita lidade a Austrália bateu a Rússia-Rússia por 63 x 54, e a Rússia marcou 62 x 57 na Letônia. No Grupo B, as favoritas também não decepcionaram. Com o presidente George W. Bush nas arquibancadas, os Estados Unidos arrasaram a República Tcheca por 97 x 57. Isso depois de estarem perdendo por 13 x 4 nos primeiros minutos. A Nova Zelândia superou o Mali por 75 x 72, e a China surpreendeu, ao bater a Espanha por 67 x 64.

EQUIPE BRASILEIRA TEVE O PÉSSIMO APROVEITAMENTO DE 35% NOS ARREMESSOS

Coluna do Tostão

tostao@uol.com.br

Marta é melhor que Obina e Eto'o

A evolução física, técnica e tática do futebol feminino, em todo o mundo, foi impressionante. Do amadorismo, o campo era enorme para elas. O futebol feminino deve ser analisado em comparação com o masculino.

Mas, por curiosidade, será que Marta atuaria entre os homens, no Brasileirão, tão bem ou até melhor que os principais jogadores de sua posição? Se Obina S'ãoPaulo que EtoÓ e Marta, sem dúvida, é melhor que Obina, Marta é melhor que Eto'o.

Parreira não deve ter gostado deve a Seleção Feminina jogar com três zagueiros contra a Alemanha. Ele sempre disse que seu não é a tradição brasileira, então a Seleção campeã de 2002, dirigida por Felipão, tenha atuado dessa forma na maior parte do tempo. Os técnicos brasileiros adoram jogar com três zagueiros.

O esquema com três zagueiros deveria ser utilizado para fortalecer o ataque. Do meio-campo à área de 30 metros. Se há um jogador a mais na linha de defesa-meio, deveria haver mais um armador ou um atacante. Os alas deveriam atuar como se meias pelos lados, no esquema com duas linhas de quatro.

Os técnicos fazem o contrário. Recuam três zagueiros para fortalecer a defesa. Os alas jogam como laterais, que apóiam um pouco mais. São cinco defensores. Em vez de ganhar, o time perde um armador ou um atacante.

A marcação por pressão, que torna o time mais ofensivo, deveria funcionar melhor com três zagueiros. A equipe adianta toda a marcação e deixa um zagueiro livre na cobertura. Não é o que vejo. Os três zagueiros continuam em linha e atrás.

Mesmo os técnicos utilizando bem os três zagueiros, preferem o esquema com dois zagueiros e dois laterais. Enquanto um lateral avança, o outro fica mais recuado. É uma tentativa de unir as vantagens de atuar com dois ou três zagueiros.

Como os europeus abandonaram o esquema com três zagueiros e os laterais não têm habilidade e avançam pouco, várias equipes têm jogado com um meio-campista e um atacante de cada lado, que também marcam.

É preciso repetir um número de vezes que o mais importante é a qualidade dos jogadores, não o desenho tático. A Seleção masculina atuou mal e perdeu da Bélgica graças a uma belíssima jogada individual de Mexmaire, ao lado de o adversário ficar com 10 quando o jogo estava 0 x 1 e a fraca qualidade dos belgas. Eles são altos e ruins.

O árbitro sinete que apitou o jogo não sabe o que é falta, como a maioria dos árbitros brasileiros. Árbitro não pode apitar a moda europeia nem brasileira. Tem que marcar certo, seja como ou nenhuma falta. Vai depender de cada partida e da maneira de jogar dos times.

Contra a Bélgica, Ronaldinho jogou novamente com lentidão e em um pequeno espaço. Parecia um veterano. Isso não ocorre porque ele estava marcado há vários anos. Ele joga desta forma nos últimos dois anos. Não sei se é por não ter as mesmas condições físicas ou se mudou a maneira de jogar. Atuando assim, ele só vai brilhar de vez em quando, ou contra fracos adversários, como a Nova Zelândia.

"A SELEÇÃO MASCULINA ATUOU MAL E GANHOU DA BÉLGICA GRAÇAS A UMA BELÍSSIMA JOGADA INDIVIDUAL DE MEXMAIRE, AO FATO DE O ADVERSÁRIO FICAR COM 10 QUANDO O JOGO ESTAVA 0 X 0 E À FRAGILIDADE DOS BELGAS"

ANEXO B – ESTADO DE S. PAULO

INCLUI ESPORTES

★ Brilhante
Hypólito faz ótima prova, mas quer melhorar • PÁG 10

★ Vitória apertada
Futebol feminino faz 2 a 1 na Coréia do Norte • PÁG 10 e 11

Bradesco

pequim 2008

caderno especial dos Jogos Olímpicos • O ESTADO DE S. PAULO • Domingo, 10 de agosto de 2008

Natação

FAVORITO – A caminho da marca de Spitz

★ Valéria Zukeran
ENVIADA ESPECIAL, PEQUIM

PHELPS, O DEMOLIDOR DE RECORDES, GANHA O 1.º OURO

Na final dos 400 medley, ele bateu marca mundial

Ninguém duvidava que Michael Phelps ganharia ontem sua primeira medalha de ouro na Olimpíada. Mas o resultado do nadador americano nos 400 metros medley foi mais do que esperava: com 4min08s84, ele baixou em quase um segundo e meio o seu próprio recorde mundial, de 4min09s25, que havia sido estabelecido em junho.

Com a vitória, seus recordes mundial e olímpico, o nadador começa com o pé direito sua tentativa de superar o recorde de sete medalhas de ouro na natação em uma Olimpíada, conquistado pelo compatriota Mark Spitz em Munique/1972. Em Atenas/2004, Phelps chegou perto do feito. Conquistou seis medalhas de ouro e duas de bronze.

Na prova de ontem, o fenômeno americano não deu a menor chance aos adversários. O segundo colocado, o húngaro Laszlo Cseh, fechou a prova com 4min09s48 (novo recorde europeu), e o medalhista de bronze, o também americano Ryan Lochte, fez 4min09s69.

"Estou muito feliz. Sabia que ia ser uma prova muito dura", disse Phelps. "Estávamos todos muito juntos até os 150 metros, não estava muito cansado com essa situação. Assim, estiquei um pouco mais minhas braçadas no peito, e depois disso, o nado livre é para adrenalina."

Lochte, que todos esperavam ser o grande empecilho ao recorde do ouro medalhas de Phelps, acabou decepcionado. Seu tempo na prova foi pior que o que havia feito nas próprias seletivas americanas. O atleta mostrou-se desapontado com o resultado. "Fiz o melhor que pude", limitou-se a dizer.

O brasileiro Thiago Pereira nadou quase toda a prova em quarto lugar. No entanto, nos últimos 100 metros, no nado livre, teve grande queda ao ritmo e acabou terminando em sétimo lugar, com 4min18s40 (ver box).

Phelps já volta para a piscina nesta manhã de domingo para disputar a eliminatória dos 200 metros nado livre. Ele ainda vai disputar os 100 e 200 metros borboleta, os 200 metros medley e os revezamentos 4x100 e 4x200 metros nado livre e 4x100 metros medley. Em Atenas, o sonho do seis ouros ficou para trás com os bronzes nos 100 metros nado livre, prova ganha pelo australiano Ian Thorpe, e no revezamento 4x100 metros nado livre, ganho pela África do Sul. •

De olho no fenômeno

- Revezamento 4x100 livre: Amanhã, 0h30
- 200 metros livre: Amanhã, 23h13
- Revezamento 4x200 livre: Quarta-feira, 0h05
- 200 metros borboleta: Quarta-feira, 23h13
- 200 metros medley: Quinta-feira, 23h45
- 100 metros borboleta: Sexta-feira, 23h07
- Revezamento 4x100 medley: Sábado, 23h05

Thiago irrita-se com seu tempo

Thiago Pereira (foto) perdeu ontem a chance de garfar a primeira medalha para o Brasil nos Jogos de Pequim. E perdeu feio. Chegou em último lugar na final dos 400 metros medley, com o tempo de 4min18s40. "Foi uma m...", foram suas únicas palavras ao passar apressadamente pelos jornalistas. Estava decepcionado. Se tivesse feito o tempo da eliminatória de ontem (4min18s76), teria chegado pelo menos em quarto lugar.

O brasileiro, primeiro a entrar ontem no Cubo D'Água para a abertura do dia na natação, nadou naral all as índole um cinquenta, dos italianos, dois húngaros e dois americanos – um deles, o recordista Michael Phelps.

O técnico de Thiago, Fernando Vanzella, não entendeu muito o que aconteceu. "Ele estava bem nos quecimento, sentindo-se muito bem e di sposto. Mas não conseguiu nadar como nadou a eliminatória." • V.Z. EDSON SILVA

GABRIELA CONSEGUE VAGA NA FINAL

★ PEQUIM

A nadadora brasileira Gabriela Silva conseguiu ontem à noite uma vaga na final dos 100 metros borboleta. Ela chegou em quarto lugar em sua semifinal, com 58s69, e classificou-se com o oitavo tempo no geral. O melhor tempo das semifinais foi feito pela australiana Lisbeth Trickett, com 57s06. A final será realizada neste domingo, às 23h31 (horário de Brasília).

Na eliminatória, pela manhã, Gabriela havia feito 58s00, novo recorde sul-americano da prova. A marca anterior, 58s30, de maio do ano passado, também pertencia à nadadora.

O País ainda conseguiu obter uma nova marca sul-americana feminina nos 4x100 metros nado livre. A equipe – formada por Flávia Delaroli, Michele Lenhardt, Monique Ferreira e Tatiana Lemos – nadou em 3min42s65. O tempo, porém foi insuficiente para levar a equipe para a final, realizada nesta madrugada – a medalha de ouro foi para a Holanda, com 3min38s76, recorde olímpico.

A natação feminina também viu nesta madrugada mais uma quebra de recorde mundial e olímpico. Nos 400 metros medley, a australiana Stephanie Rice fechou a prova com o tempo de 4min29s45.

BRASIL NA PISCINA

Nas eliminatórias de hoje, uma das atrações será a disputa do revezamento 4x100 livre, às 0h47 de Brasília. A equipe brasileira será composta por César Cielo, Rodrigo Castro, Nicolas Oliveira e Fernando Silva. Também competem hoje Fabíola Molina, nos 100 metros costas, Rodrigo Castro, nos 200 metros livre, e Guilherme Guido, nos 100 metros costas. • V.Z.

Capa do caderno de Esportes de 10/08/08

CAMPEONATO BRASILEIRO

A meta é manter a boa fase

Palmeiras, que não perde há cinco jogos, enfrenta o Botafogo no Rio e sonha com a vice-liderança

Daniel Akabelo Batista

O Palmeiras entra em campo hoje, contra o Botafogo, às 16 horas, no Rio, com a missão de não deixar o bom momento no Campeonato Brasileiro acabar. Nas últimas cinco rodadas, foram quatro triunfos e um empate. Vencer os cariocas colocará o time mais perto do líder Grêmio. E assim que os paulistas sonham terminar o 1º turno.

Já que não foi possível chegar à 19ª rodada com chances de assumir a liderança, o Palmeiras ao menos conquistou lugar de destaque no G4 – é o terceiro, com 18 pontos, a hipótese não chega de assumir o segundo lugar, desde que o Cruzeiro não vença a Portuguesa no Canindé.

O Palmeiras está em grande fase. Na quarta-feira, venceu o Vitória por 3 a 0 com ótima atuação. O setor defensivo, tão criticado no último mês, mostrou consistência. Hoje, sofrerá mudanças – Gladstone, suspenso, dará lugar a Gustavo, recuperado de contusão. No ataque, Kléber retorna na vaga de Evandro.

Iniciar o segundo turno colado no líder é o principal objetivo alviverde. Até agora, o time tem corresponder em campo e não é hoje que os atletas separam tropeçar – apesar da boa fase do adversário, que não perde pontos há três rodadas.

Mesmo com o momento favorável, o experiente goleiro Marcos alerta os companheiros. "Não podemos já achar que somos os campeões", disse. "Ninguém aqui pode achar que é craque e temos de evitar excessos fora de campo, brigas. Não podemos nos iludir."

Ontem, antes da viagem para o Rio, vários jogadores do Palmeiras receberam a ilustre visita de seus filhos, na Academia de Futebol. Homenagens antecipadas no Dia dos Pais.

Embalado, o Botafogo convocou a torcida para lotar o Engenhão. "Último está em bom momento e, com o apoio vindo das arquibancadas, podemos fazer uma grande partida", disse Nay Franco. Desde que assumiu o time, foram 5 vitórias, 2 empates e 1 derrota em oito jogos. ●

COLABORO COM BRUNO CALIXTO

BOTAFOGO

Renato; Thiago Carle, Fernando Silva, André Luís e Thiago Heitor; Túlio, Diguinho, Leandro Carvalho (Dk Carlos) e Lúcio Flávio; Wesley Ivo. Pablo Dotta (CT) e Jorge Henrique.

Técnico Nay Franco.

PALMEIRAS

Marcos; Elder Granja, Gustavo, Maurício, Adriano, Arouca; Sandro Silva, Diego Souza e Valdivia; Kléber e Alex Mineiro.

Técnico Vanderlei Luxemburgo.

Árbitro Leandro Pedro Vuaden (RS).

Local Engenhão.

Onde Globo e SBT.

Horário 16 horas (horário de Brasília).

estadao.com.br

Acompanhe acompanhe online

ACOMODAR-SE, JAMAIS – Alicante Kléber ganha corrida durante treino e sai bedi posição de sobra para voltar ao time que começa agora no Rio

SÉRIE B

Corinthians perde e vê a liderança ameaçada

Derrota para o Vila Nova (2 a 1) deixa time só 2 pontos na frente do Avaí

Daniel Akabelo Batista

O Corinthians iniciou a Série B soberano. Com o passar das rodadas, alguns trepeços surgiram no meio do caminho. Ontem, com a derrota para o Vila Nova por 2 a 1, em Goiânia, os paulistas nunca estiveram tão ameaçados de perder a liderança – a diferença, que era de cinco pontos para o vice Avaí, diminuiu para dois, a duas rodadas do término do primeiro turno.

Na terça-feira, o Corinthians pode garantir o título simbólico da primeira fase da competição ou, então, perder a ponta, depois de ficar na frente quase todo o turno. O confronto é contra o Avaí, em Florianópolis.

"A gente sempre disse que queria estar entre os quatro. Não temos a preterida de liderar o tempo todo", disse o zagueiro Willians. "O campeonato não termina contra o Avaí. Ainda tem muitas rodadas e o que importa é estar em 1º no final."

A maior preocupação do Corinthians ontem era com Túlio Maravilha, artilheiro da Série B, com 15 gols. Por pouco o atacante não fez jus ao temor alvinegro. No começo do jogo, abusou sua marca, o veterano e ídolo do goleador a mesmo sua palhoça na zaga adversária no lance em que Alex Oliveira fez 1 a 0, aos 11 minutos.

O Corinthians criou poucas oportunidades de balançar as redes. No primeiro tempo, Douglas ainda ensaiou de Moxe finalizou em cima do goleiro. Aos 6 minutos da fase final, chutou de longe e contou com um desvio salvador de André Santos: 1 a 1.

Quando poderia tentar a virada, o time paulista foi prejudicado com a lesão de Wellington Saci – o talento Mano Menezes já havia feito as três substituições e o atleta não ou por mais de meia hora machucado. Fez figuração. "O time correu, lutou, mas eles fizeram o gol. O resultado não reflete a história do jogo", lamentou André Santos.

Tiveram sorte, porque jogamos com um a menos. E ainda tiveram o Felipe expulso."

Um minuto antes do goleiro corintiano levar o cartão vermelho – colocou a mão na bola fora da área –, o Vila Nova chegou ao segundo gol, com Pedro Júnior, aos 42. O Corinthians segue líder da Série B. Mas é bom ficar atento. A diferença diminuiu.

Ainda ontem: CRB 1 x 2 Bahia, Ponte Preta 3 x 1 Paraná, Portuguesa 2 x 1 Barueri, Marília 2 x 1 ABC e Avaí 0 x 1 Bragantino. ●

ATAQUE NULO – Herrera (deitado) e Carlinho não conseguiram o gol

VILA NOVA 2
CORINTHIANS 1

Gols Alex Oliveira aos 11 do 1º tempo; Pedro Júnior aos 42 do segundo.

Vila Nova Ilsa; Cristian, Luis Carlos, Valdeque Fernando; Tiago, Helano, Renato (Cláudio) e Alex Oliveira; Neto de Souza e Túlio (Pedro Júnior). **Técnico** Gilvando Oliveira.

Corinthians Felipe; Carlos Alberto (Dk Ivo), Fábio Ferreira, William e André Santos; Fabinho, Edcarlo e Ramon (Wesley Ivo); Douglas e Dinelly; Carlinho e Herrera (Diego Rosário). **Técnico** Mano Menezes.

Árbitro Wilson de Souza Mendonça (PR).

Cartão amarelo Valdeque, Fernando, Pedro Júnior.

Cartão vermelho Felipe.

Bandeirinhas de Jorge Rodrigues.

Local Serra Dourada.

CLASSIFICAÇÃO – SÉRIE B

	PG	J	V	E	D	SG
1º Corinthians	28	13	10	1	2	20
2º Avaí	26	13	9	1	3	17
3º Ponte Preta	26	13	9	2	2	6
4º Vila Nova	26	13	8	2	4	5
5º Juventude	26	13	8	4	1	5
6º Brasília	26	13	7	7	2	1
7º Náutico	23	13	6	2	5	-2
8º Santo André	23	13	7	1	4	13
9º Criciúma	20	13	6	2	5	6
10º Bragantino	20	13	5	5	3	-4
11º São Caetano	20	13	6	2	5	2
12º Guarani	20	13	5	4	4	7
13º Marília	20	13	5	5	3	-1
14º ABC/RN	20	13	4	8	1	2
15º Bahia	20	13	4	8	1	-5
16º Portuguesa	19	13	5	4	4	0
17º Avaí/SC	17	13	4	5	4	-4
18º Paraná	17	13	4	5	4	-7
19º Vitória	13	13	3	4	6	-7
20º CRB	9	13	2	3	13	-10

Acesso à Série A – Rebaixamento

O melhor na TV

SB Jogo do Campeonato Brasileiro
Bola Rio x Palmeiras (inédito)
Mídia Nova Rio (RJ)
Globo e Band

CBB SD Campeonato Brasileiro
Náutico x Santo André (inédito)
Ipiranga Pernambuco (inédito)
Sport TV

Obs: Programação sujeita a alteração pela ESPN.

Boleiros

UGO GIORGETTI

ugg@estadao.com.br

SEGUNDA-FEIRA: NIZIO | TERÇA-FEIRA: LUIZ ZANIN | QUARTA-FEIRA: MANUEL PEIXOTO | QUINTA-FEIRA: MARCO REIS | SEXTA-FEIRA: ANTERO GREGO | SÁBADO: MARCOS CAETANO | DOMINGO: UGO GIORGETTI

Nada como os velhos boleiros

- Os velhos e irreverentes boleiros ainda são necessários. São mais necessários do que nunca neste futebol chato da mesmice e monotonia. O Sport TV, canal de esportes de uma tv por assinatura, exibe depois dos jogos entrevistas com técnicos e jogadores. E uma das coisas mais chatas que um ser humano pode assistir. Todos tão sensatos, cautelosos, prudentes e chatos, chatos, repetindo as mesmas expressões com postura falsa de assombrosa. E um tal de "grupo" pra cá, "determinação" pra lá, "levantar a cabeça", "trabalhar seriamente", "não só eu, mas o time todo está de parabéns", etc. Um tédio infinito e mortal.

Entrevistadores são escapam da mesma cantilena. Parecem padres, pregadores ou políticos em campanha eleitoral. E chiu fio de cada de manhã de muito estirar, pensamentos supostamente profundos e frases daquelas que ninguém aguenta mais ouvir. Chatos.

Por isso volto ao princípio, da necessidade dos velhos e rebeldes boleiros. E constato, entre surpreso e satisfeito, que eles ainda estão por aí, sem sebrecos. Fazendo sucesso, o que é mais admirável. Decobaçam no lembro insofismavelmente de pelo menos três técnicos que nos tempos de jogador sentiu foram exatamente modelos de marrudo e simpático: Muricy, Renato Gaúcho e Abel Braga. Tiveram altos e baixos em suas carreiras talvez isso tenha algo a ver com essa personalidade de questionadores e propensos à rebeldia.

Não me interessa mais gente que se acompanhava em quanto jogadores seria capaz de apostar em seu sucesso como treinadores. E, no entanto, não estão eles, treinando grandes equipes. São, aliás, os menos do outro tempo. Suas entrevistas são as únicas em que se deve prestar atenção, porque alguma coisa inesperada, interessante, no mínimo curiosa, pode surgir.

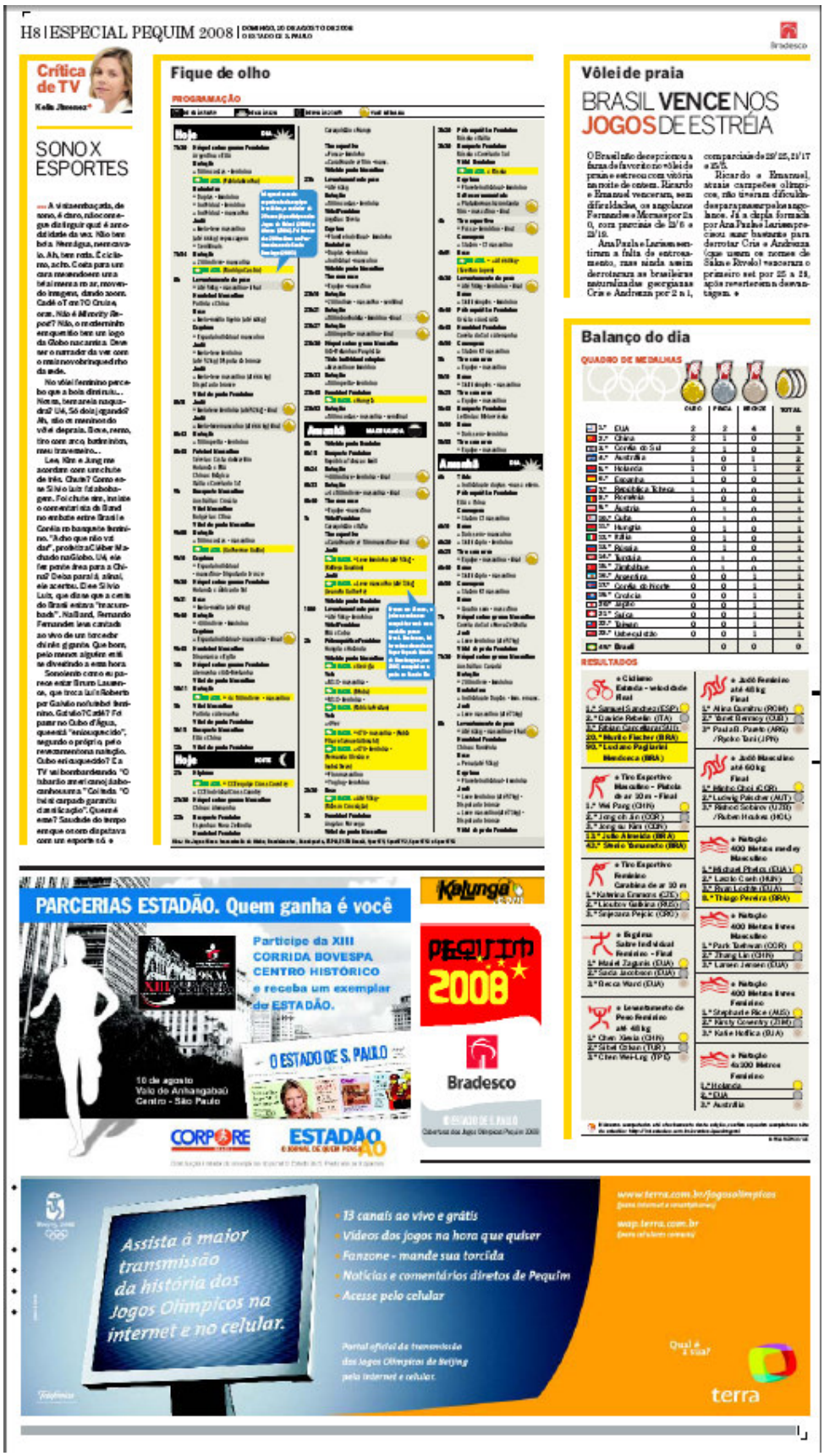
Agora o Santos, do fundo de uma de suas mais profundas crises, traz de volta ao campo um dos mais antigos e irrequietos boleiros. E, certamente, um dos mais representativos de todas as épocas: Serginho Chulapa. Vem como auxiliar técnico, mas o destaque que foi dado à sua chegada por vários órgãos de imprensa é indicador de sua importância. Muita gente pode achar essa medida um erro, fruto de desespero. Eu não.

Ao invés da ânsia do Santos talvez requeiram constantemente uma personalidade como Chulapa. Curiosamente nenhum boleiro brinca com Renato Gaúcho, Muricy ou Abel. Os jogadores sabem exatamente o que podem e não podem fazer e com quem estão tratando. Sinal de que talvez falem por eles. Nas histórias que passam de uma geração de jogadores para outra certamente suas façanhas estão incluídas e falam por si. Talvez o respeito e – quem diria? – a disciplina que essa gente impõe no "grupo" é o que o Santos está esperando de Serginho Chulapa.

Eles estão aí, fazem sucesso e tornam menos infeliz nossa vida de espectadores

É possível que tenha sido chamado como aqueles cowboys, antigos pistoleiros famosos, que vinham pôr ordem em cidades turbulentas. Que vinham para o tido ou nada. O momento é absolutamente adequado para a presença de Chulapa na Vila, e a presença com que ele assume o cargo é uma mostra de que parece ser no ar uma cultura da ocasião. Que venha Serginho Chulapa. Vou torcer por ele. Sei que pode se tornar um treinador consagrado.

Confio cada vez mais nos velhos boleiros rebeldes. São aqueles que podem infundir um pouco de interesse no futebol e tornar nossa vida de meros espectadores das entrevistas de domingo menos infeliz. ●



H8 | ESPECIAL PEQUIM 2008

Crítica de TV

SONO X ESPORTES

Fique de olho

PROGRAMAÇÃO

Vôlei de praia

BRASIL VENCE NOS JOGOS DE ESTRÉIA

Balanço do dia

QUADRO DE MEDALHAS

RESULTADOS

PARCERIAS ESTADÃO. Quem ganha é você

Participe da XIII CORRIDA BOVESPA CENTRO HISTÓRICO e receba um exemplar de ESTADÃO.

10 de agosto
Vale do Anhangabaú
Centro - São Paulo

O ESTADO DE S. PAULO

Kalunga

PEQUIM 2008

Bradesco

CORPORE

ESTADÃO

Assista à maior transmissão da história dos Jogos Olímpicos na internet e no celular.

- 13 canais ao vivo e grátis
- Vídeos dos jogos na hora que quiser
- Fanzone - mande sua torcida
- Notícias e comentários diretos de Pequim
- Acesse pelo celular

www.terra.com.br/jogosolimpicos

wap.terra.com.br

Qual é a sua?

terra

Página H8 de 10/08/08

Ginástica

vôo - Diego durante a apresentação de solo

ELE QUER MAIS

OLHAR ESTADO

Ginástica Artística

O técnico Edson Hypólito analisou a performance da série apresentada pelo irmão Diego. A movimentação, de alto grau de dificuldade, é um dos mais presentes na série do Bicampeão mundial. Será realizada na final do aparelho, dia 17

estadao.com.br

BRA Diego Hypólito

Origem	Santo André - SP
Idade	22
Maior nº de Olimpíadas	Estréia

Melhores marcas
- Bicampeão mundial de solo (2005/07)
- Campeão do solo e vice-campeão por equipes no Pan do Rio (2007)

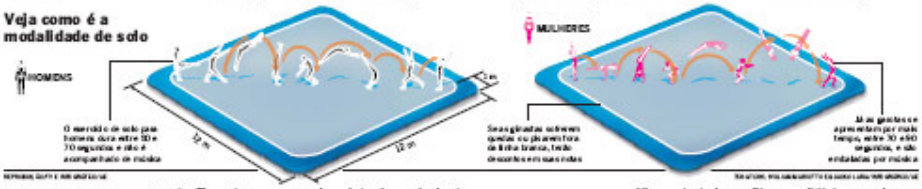
4 - Rolamento
Entra nesse movimento de frente à saída difícil. O ginasta não consegue alcançar o chão, ter ângulo do espaço coordenado e é fundamental

3 - Mortal com pirueta e meia
O grau de dificuldade na execução desse movimento é alto - embora para o Diego seja relativamente fácil. A maioria dos ginastas prefere as pegadas em pé, já que pode eliminar com o rolamento, aprendo ter controle da altura e da amplitude

2 - Rondada
O elemento não tem valor na série, mas, se realizado de maneira imperfeita, pode causar desastre. É importante, porque vai dar impulso para emendar com piruetas meia

1 - Corrida
É parte essencial do movimento, porque dá o impulso para a rondada. O ginasta precisa ser ágil na corrida, para não estar no movimento com muita força

Veja como é a modalidade de solo



O exercício de solo para homens dura entre 30 e 70 segundos e não é acompanhado de música

Suas ginásticas acontecem apenas no aparelho feito de linha branca, feito de cordas e em suas redes

Mais gestos e apresentam por mais tempo, entre 30 e 60 segundos, e são embaladas por música

Wilson Baldini Jr.
ENVIADO ESPECIAL, PEQUIM

Preciso, forte, rápido e confiante. Diego Hypólito está pronto para ganhar uma medalha olímpica no solo. Ele obteve a melhor nota (15.950) ontem e garantiu vaga na final do solo no dia 17. "Estou muito que feliz. Sou muito seguro e entrei para a prova tranqüilo demais", disse o atleta, que terminou sua série com um largo sorriso no rosto, correu para abraçar o técnico Renato Araújo e recebeu o cumprimento de várias adversárias. "Eu me sinto seguro porque fiz o treinamento todo bem feito. Abdiquei de muita coisa este ano. Tudo está ótimo para mim, depois de enfrentar uma cirurgia (*retirou uma cisto*) e uma dengue."

Diego tornou-se o primeiro atleta brasileiro a se classificar para a final da ginástica. "Estou radiante. Agora sou um atleta olímpico. Pensei que iria ficar nervoso. Decoei para fazer para minha mãe em cima da hora, porque as pessoas ficam nervosas e acabam passando isso para a gente. Mas não senti a pressão e consegui fazer o planejado."

A apresentação de Diego foi bem abaixo do que ele planeja para disputa da medalha. "Durante a terceira diagonal, no meio do movimento, pois achei que estava um pouco baixo e poderia me desequilibrar e perder pontos importantes. Preferi fazer o mais simples, perdi um décimo, mas garanti uma boa nota e não corri riscos", disse Diego. "Na final, vou fazer o 'hypólito' na primeira diagonal e a terceira será complexa. Vou tentar uma nota 16.600 ou 16.900."

Diego deixou ontem dois grandes rivais para trás. O espanhol Gervasio Deferr ficou com 15.825, enquanto o romeno Marian Dragulescu obteve 15.825.

Diego tem **atuação brilhante,** mas acha que pode melhorar

"Como o primeiro lugar, o Diego deve ser um dos primeiros a se apresentar na final. Isso é bom porque dá moral e os árbitros vão analisá-lo como aquele que teve a 1ª nota, mas também ele não terá a oportunidade de ver antes o desempenho dos adversários", disse o técnico Renato Araújo, que não gostou de saber que o canadense Brendel O'Neill, um dos favoritos à conquista de medalha, continuídio, deve ficar de fora. "Prefiro que estejam todos bem para que não digam depois que faltou alguém para enfrentar."

Diego chegou a fazer uma tentativa no salto para "sequestar". "Achei que está dava para conseguir ir à final, mas não quero perder a concentração no solo. Minhas chances são grandes e não quero deixar que nada me prejudique", disse o atleta, que saiu correndo da sala de imprensa. "Vou correndo para a Vila Olímpica porque estou com fome. Ainda não comi", brincou.

Na prova do salto sobre o cavalo, o ginasta não foi bem. Conseguiu 16.300 após uma tentativa e optou por não fazer a segunda, ficando de fora da disputa para se concentrar no solo. e

A CENTAURO DESEJA BOA SORTE PARA A EQUIPE BRASILEIRA DE NATAÇÃO.
Centauro, a maior rede de artigos esportivos da América Latina, torce pelo Brasil.
Acesse centauro.vencepequim.com.br
CENTAURO

ANEXO C – FOLHA DE S. PAULO

Capa do caderno de Esporte 17/08/08

'Um passo' separa Diego do título olímpico

Scheidt está em 11º depois de 3 regatas da star

Página D6 de 17/08/08

D2 pequenos FOLHA DE S.PAULO

O que ver na TV

HOJE DIA 17

AMANHÃ DIA 18

MEDALHAS

Brasil

Outros

ATLETISMO

Vitória de Bolt sela nova etapa nos 100 m

Jamaicano indica que estatura deve se tornar trunfo na prova

Fabiana Murer avança à final do salto com vara

Página D2 de 17/08/08

À base de nuggets, jamaicano dança e ri

Usain Bolt deixa a vitória de lado e celebra de forma descontraída

Tyson Gay cansa, não vai à final e se diz sem desculpa

Powell fracassa de novo e afirma estar sem pernas

Coadjuvantes de Trinidad e EUA levam prata e bronze

Página D3 de 17/08/08

Santos revê torcedores e algoz que o derrubou

São Paulo faz estratégia de risco em Curitiba

Página D 13 de 24/08/08

ANEXO D – JORNAL DO BRASIL

PEQUIM 2008

	ouro	prata	bronze	total
1º) China	51	21	28	100
2º) Estados Unidos	36	38	36	110
3º) Rússia	23	21	28	72
4º) Reino Unido	19	13	15	47
5º) Alemanha	16	10	15	41
6º) Austrália	14	15	17	46
7º) Coréia do Sul	13	10	8	31
8º) Japão	9	6	10	25
9º) Itália	8	10	10	28
10º) França	7	16	17	40
11º) Ucrânia	7	5	15	27
12º) Holanda	7	6	4	16
13º) Jamaica	6	3	2	11
14º) Espanha	5	10	3	18
15º) Quênia	5	5	4	14
16º) Grã-Bretanha	4	5	10	19
17º) Romênia	4	1	3	8
18º) Etiópia	4	1	2	7
19º) Canadá	3	8	6	18
20º) Polônia	3	6	1	10
21º) Hungria	3	5	2	10
Noruega	3	5	2	10
23º) Brasil	3	4	8	15
24º) República Tcheca	3	3	0	6
25º) Eslováquia	3	2	1	6
26º) Nova Zelândia	3	1	1	5
27º) Geórgia	3	0	3	6
28º) Cuba	2	11	11	24
29º) Cazaquistão	2	4	7	13
30º) Groenlândia	2	2	3	7
31º) Mongólia	2	2	0	4
Tailândia	2	2	0	4
33º) Coréia do Norte	2	1	3	6
34º) Argentina	2	0	4	6
Suíça	2	0	4	6
36º) México	2	0	1	3
37º) Turquia	1	4	3	8
38º) Zimbábue	1	3	0	4
39º) Azerbaijão	1	2	4	7
40º) Uzbequistão	1	2	3	6
41º) Eslovênia	1	2	2	5
42º) Bulgária	1	1	3	5
Indonésia	1	1	2	5
44º) Finlândia	1	1	2	4
45º) Letônia	1	1	1	3
46º) Bélgica	1	1	0	2
Estônia	1	1	0	2
Portugal	1	1	0	2
República Dominicana	1	1	0	2
50º) Índia	1	0	2	3
51º) Irã	1	0	1	2
52º) Bahrain	1	0	0	1
Camarões	1	0	0	1
Panamá	1	0	0	1
Tunísia	1	0	0	1
56º) Suécia	0	4	1	5
57º) Croácia	0	2	3	5
Ucrânia	0	2	3	5
59º) Grécia	0	2	2	4
60º) Trinidad e Tobago	0	2	0	2
61º) Nigéria	0	1	3	4
62º) Áustria	0	1	2	3
Irlanda	0	1	2	3
Sérvia	0	1	2	3
65º) Argélia	0	1	1	2
Bahamas	0	1	1	2
Colômbia	0	1	1	2
Marrocos	0	1	1	2
Qatar	0	1	1	2
Tadjiquistão	0	1	1	2
71º) África do Sul	0	1	0	1
Chile	0	1	0	1
Cingapura	0	1	0	1
Equador	0	1	0	1
Islândia	0	1	0	1
Malásia	0	1	0	1
Sudão	0	1	0	1
Venezuela	0	1	0	1
79º) Armênia	0	0	4	4
80º) Taiwan	0	0	4	4
81º) Afeganistão	0	0	1	1
Egito	0	0	1	1
Israel	0	0	1	1
Maurícia	0	0	1	1
Moldova	0	0	1	1
Togo	0	0	1	1
Venezuela	0	0	1	1

Pequim 2008

PETROBRAS

RETORNO TRIUNFAL

Isabel Swan desfruta do sucesso após feito histórico

Velejadora é recebida com festa em Niterói e elogia sua parceira

Márcia Vieira

Elogios para Fernanda

Página D2 de 25/08/08

Quadro de medalhas

	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL
1º) China	48	19	28	95
2º) Estados Unidos	34	37	36	107
3º) Rússia	21	22	27	70
4º) Reino Unido	19	13	15	47
5º) Alemanha	16	10	15	41
6º) Austrália	14	15	17	46
7º) Coréia do Sul	13	10	8	31
8º) Japão	9	6	10	25
9º) Itália	7	10	10	27
10º) Ucrânia	7	5	15	27
11º) Holanda	7	5	4	16
12º) França	6	15	17	38
13º) Jamaica	6	3	2	11
14º) Espanha	5	9	2	16
15º) Quênia	5	5	4	14
16º) Nova Rússia	4	5	9	18
17º) Romênia	4	1	3	8
18º) Etiópia	4	1	2	8
19º) Canadá	3	9	6	18
20º) Polônia	3	6	1	10
21º) Noruega	3	5	2	10
22º) Brasil	3	3	8	14
23º) República Tcheca	3	3	0	6
24º) Eslováquia	3	2	1	6
25º) Nova Zelândia	3	1	5	9
26º) Geórgia	3	0	3	6
27º) Cuba	2	9	11	22
28º) Hungria	2	5	2	9
29º) Dinamarca	2	2	3	7
30º) Tailândia	2	2	0	4
31º) Coréia do Norte	2	1	3	6
32º) Suíça	2	0	4	6
33º) Argentina	2	0	3	5
34º) México	2	0	1	3
35º) Cazaquistão	1	4	7	12
36º) Turquia	1	4	3	8
37º) Zimbábue	1	3	0	4
38º) Azerbaijão	1	2	4	7
39º) Uzbequistão	1	2	3	6
40º) Eslovênia	1	2	2	5
41º) Bulgária	1	1	3	5
Indonésia	1	1	3	5
43º) Finlândia	1	1	2	4
44º) Letônia	1	1	1	3
45º) Bélgica	1	1	0	2
Estônia	1	1	0	2
Mongólia	1	1	0	2
Portugal	1	1	0	2
República Dominicana	1	1	0	2
50º) Índia	1	0	2	3
51º) Irã	1	0	1	2
52º) Bahrein	1	0	0	1
Camarões	1	0	0	1
Panamá	1	0	0	1
Tunísia	1	0	0	1
56º) Suécia	0	4	1	5
57º) Croácia	0	2	3	5
Lituânia	0	2	3	5
59º) Grécia	0	2	2	4
60º) Trinidad e Tobago	0	2	0	2
61º) Nigéria	0	1	3	4
62º) Áustria	0	1	2	3
63º) Angola	0	1	1	2
Bahamas	0	1	1	2
Colômbia	0	1	1	2
Marrocos	0	1	1	2
Quirguistão	0	1	1	2
Sérvia	0	1	1	2
Tadjiquistão	0	1	1	2
71º) África do Sul	0	1	0	1
Chile	0	1	0	1
Cingapura	0	1	0	1
Equador	0	1	0	1
Moldávia	0	1	0	1
Sudão	0	1	0	1
Vietnã	0	1	0	1
78º) Armênia	0	0	6	6
79º) Taiwan	0	0	4	4
80º) Irlanda	0	0	2	2
81º) Afeganistão	0	0	1	1
Egito	0	0	1	1
Israel	0	0	1	1
Maurício	0	0	1	1
Moldávia	0	0	1	1
Togo	0	0	1	1
Venezuela	0	0	1	1

INTERNET

Ouro, para eles, são as medalhas de bronze

Turma do blog Bronze Brasil 2008 só torceu pelos terceiros lugares

Renato Westenia

Pequim 2008

BR PETROBRAS

Página D2 de 24/08/08

JORNAL DO BRASIL | Domingo 24 de agosto de 2008 esportes@jb.com.br Segunda edição

Pequim 2008

Página 08

Yes, nós temos Dream Team

Com quatro anos de atraso, esquadrão de Zé Roberto emociona o Brasil e conquista o ouro, perdendo apenas um set em Pequim. Na nossa delegação, quem manda mesmo são as mulheres.

Páginas 04 e 05

Blog comemora medalhas de bronze. Pag 02 Balanço olímpico destaca China, Phelps e mulheres. Págs 06 e 07

Capa do caderno das Olimpíadas de 24/08/08

JORNAL DO BRASIL

Pequim 2008

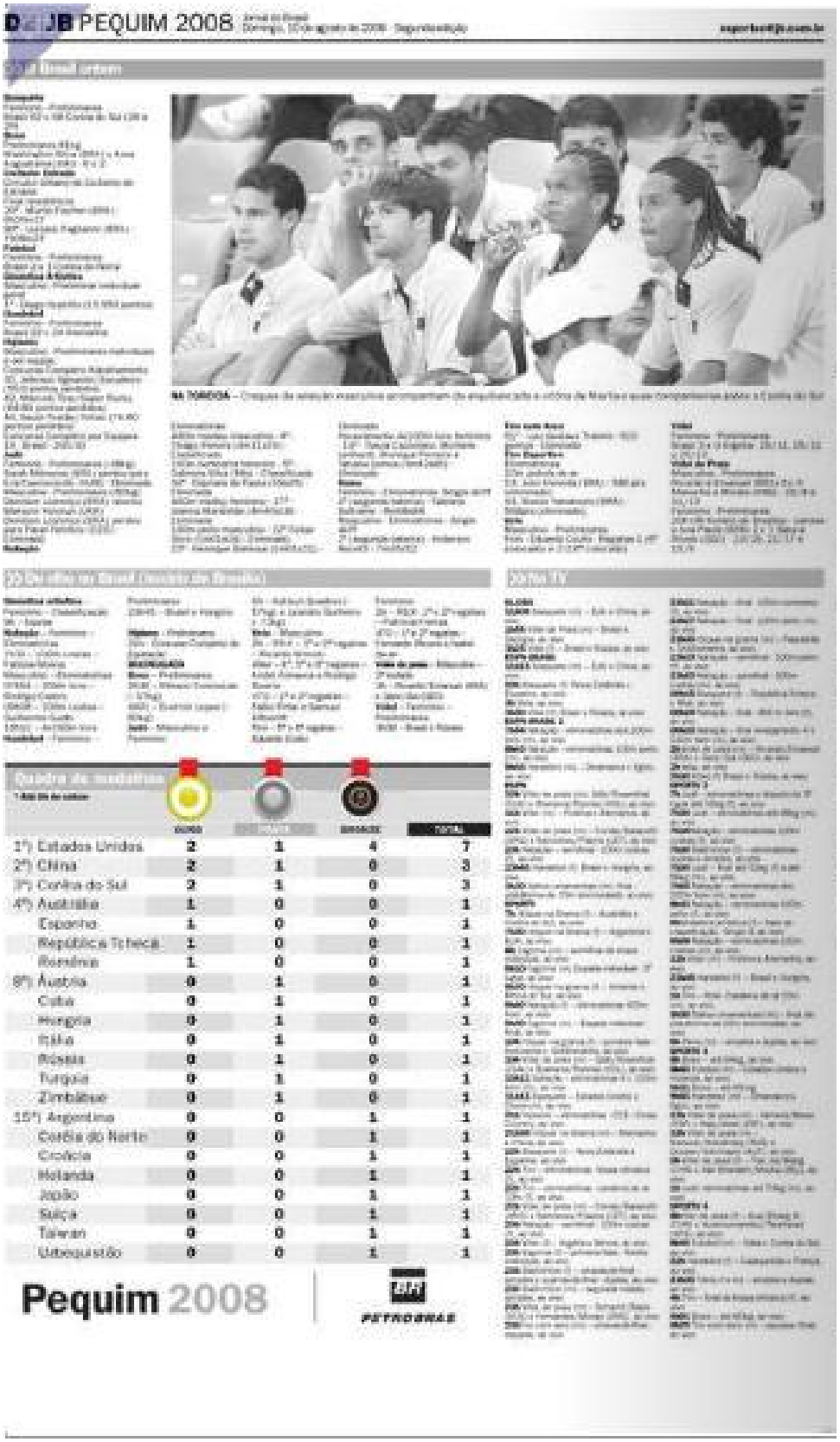
A gente se vê em Londres!

Dezesseis dias e 958 medalhas depois, Pequim encerra com grande festa os segundos Jogos do século. A comunidade olímpica volta a se reunir em 2012, na capital da Inglaterra.

Brasil já gasta muito em Olimpíada. Falta, agora, gastar bem. Pag 03 Família faz festa para Isabel Swan Pag 02

Dream Team de basquete dos EUA recupera o ouro. Pag 06 Obinna da Nigéria conhece o rubro-negro. Pag. 07

Capa do caderno das Olimpíadas de 25/08/08



D2 JB PEQUIM 2008

Quadro de medalhas

	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL
1º) Estados Unidos	2	1	4	7
2º) China	2	1	0	3
3º) Coréia do Sul	2	1	0	3
4º) Austrália	1	0	0	1
Espanha	1	0	0	1
República Tcheca	1	0	0	1
Romênia	1	0	0	1
8º) Áustria	0	1	0	1
Cuba	0	1	0	1
Hungria	0	1	0	1
Itália	0	1	0	1
Rússia	0	1	0	1
Turquia	0	1	0	1
Zimbábue	0	1	0	1
15º) Argentina	0	0	1	1
Coréia do Norte	0	0	1	1
Croácia	0	0	1	1
Holanda	0	0	1	1
Japão	0	0	1	1
Suíça	0	0	1	1
Taiwan	0	0	1	1
Uzbequistão	0	0	1	1

Pequim 2008

PETROBRAS

Página D2 de 10/08/08

Coletivo

seu jornal em movimento — DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

BRASÍLIA-DF, QUARTA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO DE 2008 :: ANO VII Nº 1.975 — www.jornalcoletivo.com.br

Para ninguém botar defeito

Show da *Gaiola das Popozudas* será sexta no Free Park. 15

Professor do DF vai ganhar o 14º salário

O governador José Roberto Arruda anunciou, hoje, durante as comemorações do Dia do Professor, o novo benefício para os profissionais da rede pública de ensino. 3

Foto: Mena Santos

DFTRANS RETIRA 120 ÔNIBUS DAS RUAS

Lacrados veículos que apresentavam diversas irregularidades e ameaçavam a segurança dos usuários. 8

Este jornal é distribuído, todos os dias, gratuitamente, no Setor Comercial Sul e no sistema de transporte coletivo do Distrito Federal

Brasil Telecom
Você ganha mais e sua vida também.

Cartão pode ter o preço reduzido
É o que prevê novo projeto de lei. 6

Criado o dia de lavar as mãos
ONU quer combater várias doenças. 7

Feriado escolar impede tragédia
Fogo atinge ônibus usados por alunos. 11

Seleção quer dar olé nos gringos
Brasil joga, à noite, com a Colômbia. 12

Capa do jornal Coletivo de 15/10/08